



## O QUE ANCORÁ

Curadoria: Carla Chaim e Nino Cais | Texto: Ademair Britto

SAMBA ARTE CONTEMPORÂNEA | RIO DE JANEIRO, BRASIL

20 MARÇO A 01 MAIO, 2023

Adriana Amaral | Ana Rey | André Felipe Cardoso | Cali Cohen | Cassia Cola | Cristina Lisot  
Cynthia Loeb | Danilo Chamas | Flavia Renault | Ilka Lemos | Jota Testi | Luana Lins | Luiza Lavorato  
Malu Tigre | Lucia Simonsen | Marinalva Rosa | Michelle Rosset | Miriam Bratfisch Santiago | Rosana Pagura  
Simone Dutra | Simone Fontana Reis | Suely Bogochvol | Susy Miranda Aziz | Yohana Dizumi



**O Que Ancora**  
samba arte contemporânea | rio de janeiro, 2023



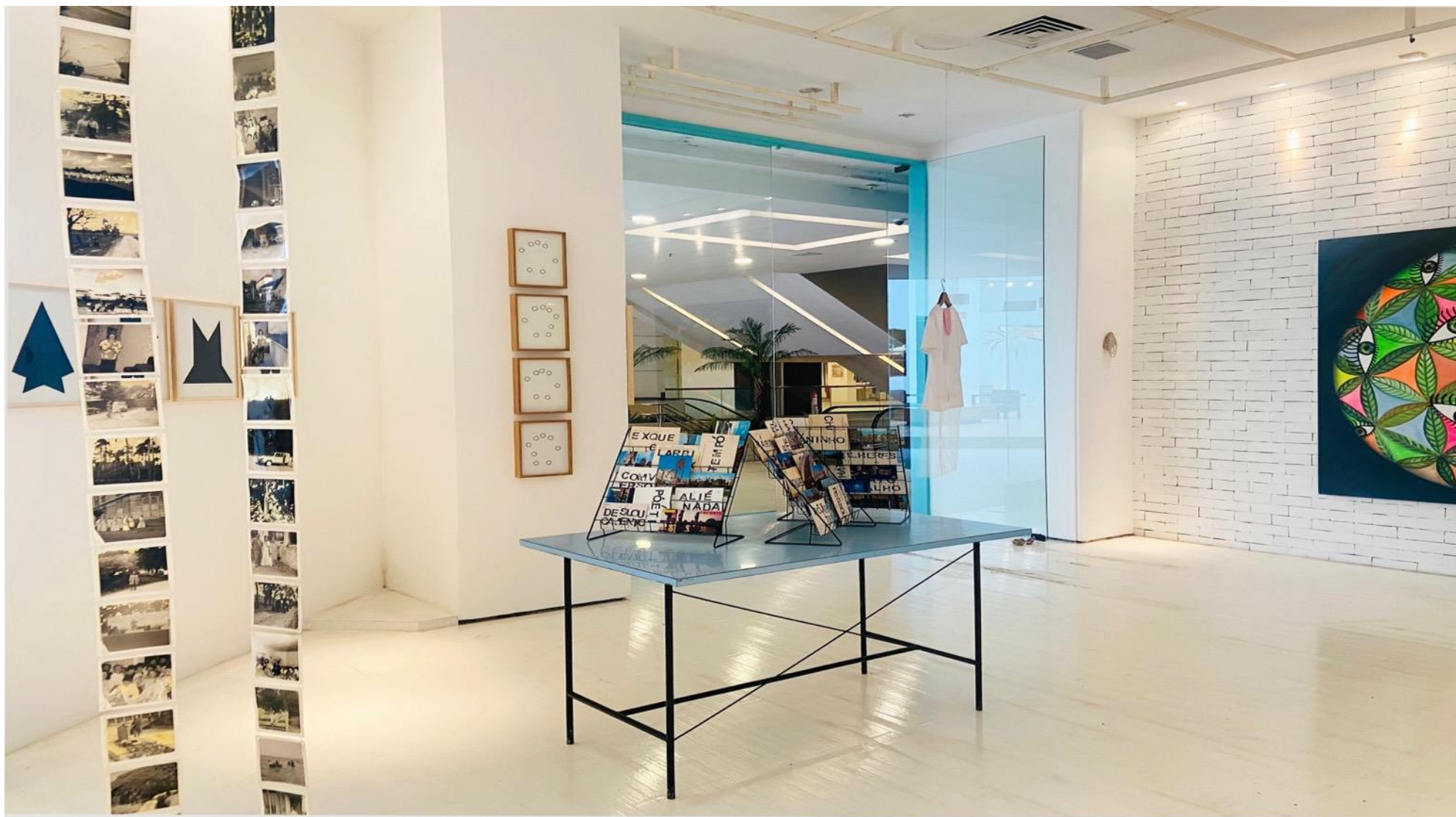
O Que Ancora  
samba arte contemporânea | rio de janeiro, 2023



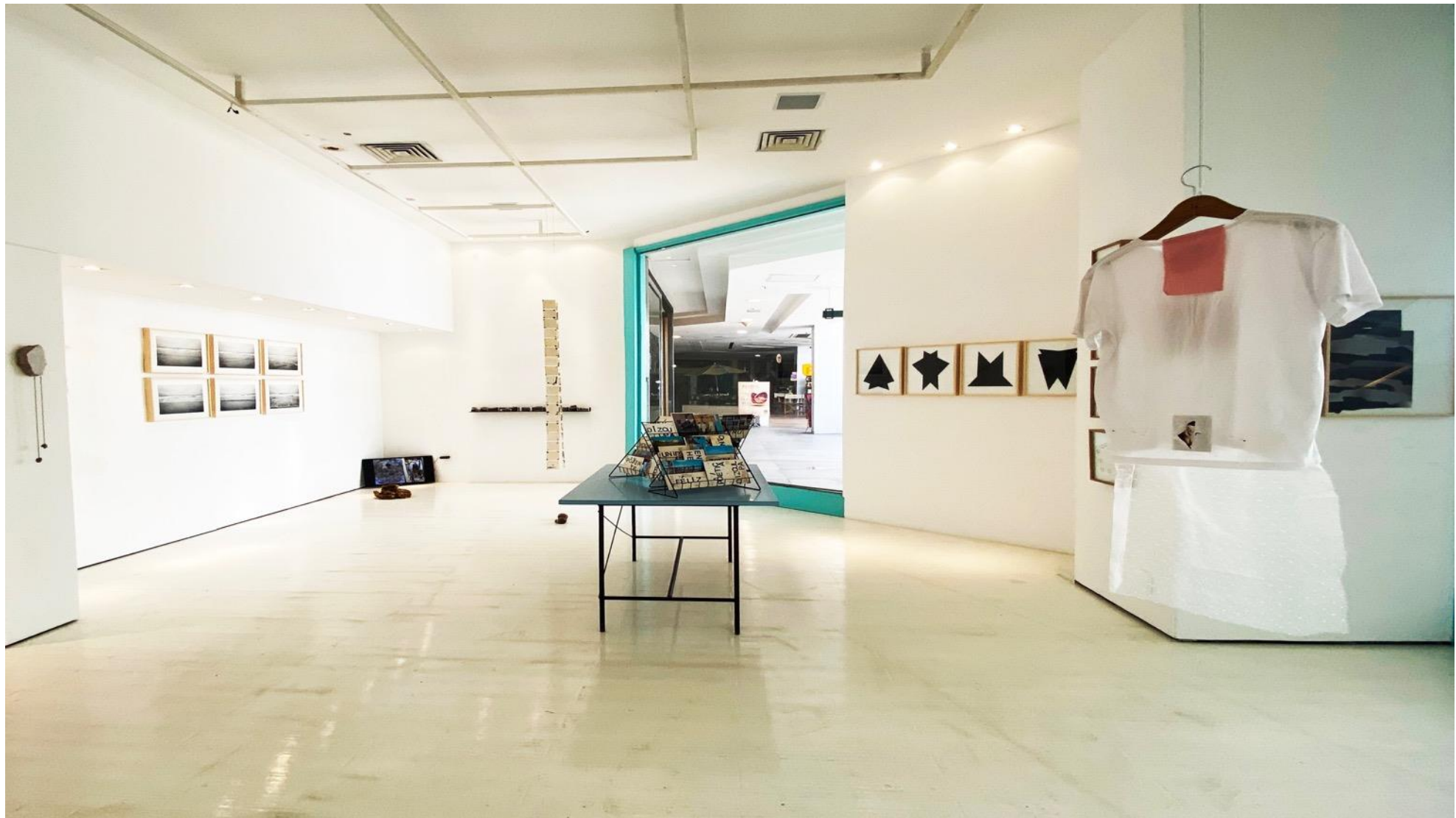
**O Que Ancora**  
samba arte contemporânea | rio de janeiro, 2023



**O Que Ancora**  
samba arte contemporânea | rio de janeiro, 2023



O Que Ancora  
samba arte contemporânea | rio de janeiro, 2023

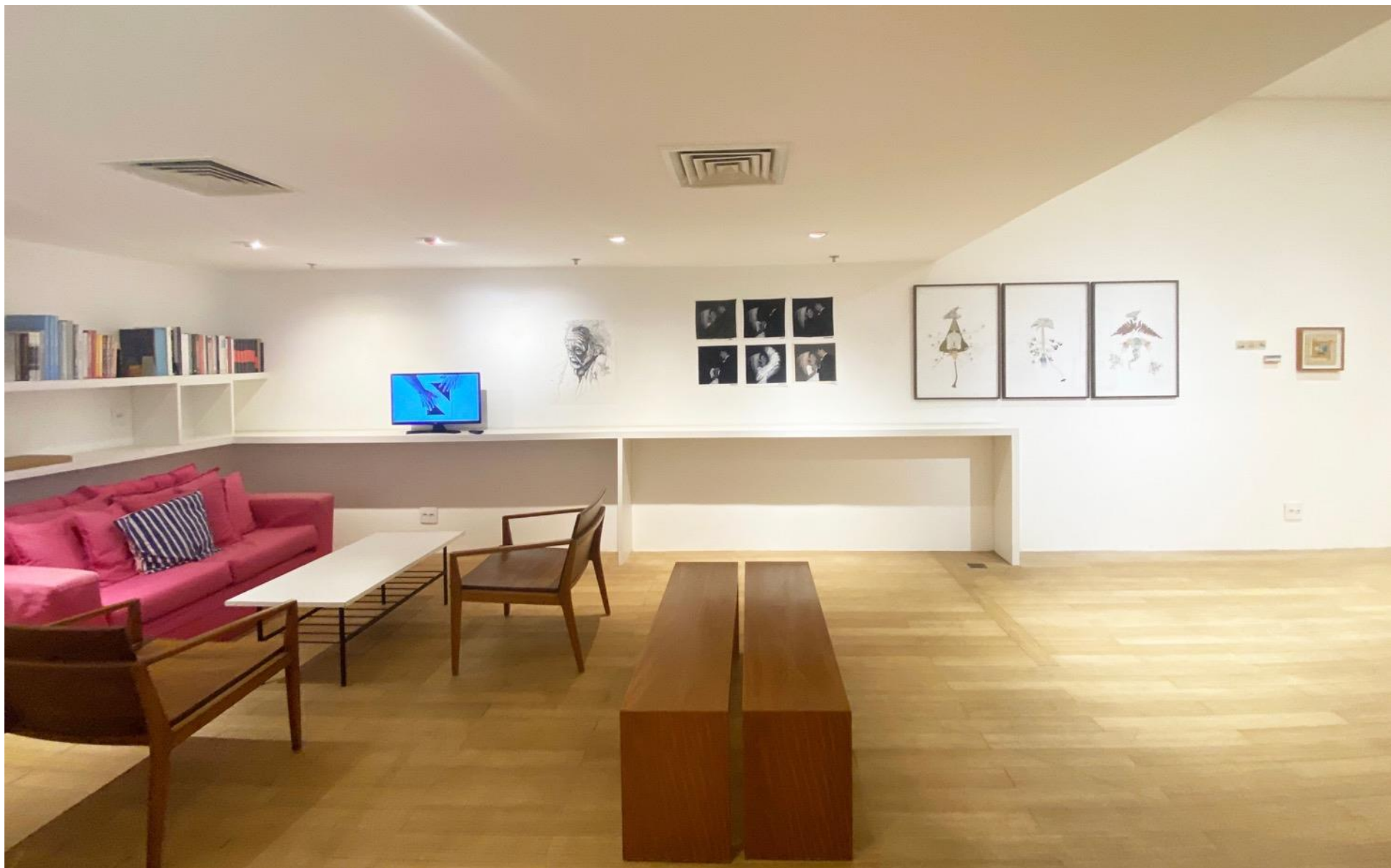


**O Que Ancora**  
samba arte contemporânea | rio de janeiro, 2023





**O Que Ancora**  
samba arte contemporânea | rio de janeiro, 2023



**O Que Ancora**  
samba arte contemporânea | rio de janeiro, 2023

A Exposição Coletiva "O que ancora" na Galeria Samba, traz ao Rio de Janeiro trabalhos de 24 artistas de diferentes locais do Brasil, participantes do Acompanhamento de Projetos do espaço independente Hermes Artes Visuais em São Paulo e apresenta trabalhos em diversas mídias como pintura, colagem, desenho, escultura, fotografia e vídeo. O título da exposição, "O que ancora", vem de uma proposição dos curadores, em que os artistas em diferentes barcos de tamanhos, materiais e contextos diversos, que navegaram em diferentes mares, oceanos e rios, e ancoraram temporariamente em um mesmo local. Remetendo à chegada em um lugar outro, ao ato de firmar-se em novas terras, à ideia de amparo, proteção, fazendo também alusão à particularidades dos componentes do grupo e suas produções artísticas únicas.

Com intuito de estimular potencialidades e o desenvolvimento do processo criativo, foram realizados encontros semanais entre orientadores e integrantes, ambos artistas, partindo de uma metodologia horizontal, sem relação mestre/aluno, em um formato que todos participam ativamente com críticas e reflexões relativas aos trabalhos apresentados. Um dos primeiros artistas/professores a utilizar essa metodologia no Brasil foi o austríaco Axel Leskoschek (Graz, Áustria 1889 - Viena, Áustria 1975), que nos anos 40 já realizava encontros com discussão conjunta dos trabalhos produzidos pelos alunos, de forma bastante inovadora, diferente da metodologia acadêmica da época. Dos seus alunos da época destacam-se Ivan Serpa (Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1923 – Idem, 1973) e Fayga Ostrower (Lodz, Polônia, 1920 – Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001), que anos depois viriam a se tornar também professores e dar continuidade ao tipo de ensino horizontal.

Em seu livro "Criatividade e Processos de Criação" de 1976, Ostrower trata o processo criativo como um potencial próprio de todo ser humano, não estando restrito a alguns poucos agraciados, sendo esse potencial uma de suas necessidades como ser humano criativo. Ou seja, toda pessoa é capaz de criar e assim o faz como condição de sua existência, podendo expressar essa criatividade nas mais variadas áreas, sendo o que nos interessa, a criação de obras de arte. Para ela, entre a ideia de uma obra de arte e de fato a finalização da sua execução, existe um caminho a ser percorrido, podendo ser realizado de forma individual, ou recorrer ao coletivo. No caso das obras aqui apresentadas, os artistas compartilham o fato de terem contato entre suas produções durante o processo de criação e andarem juntos, em paralelo, no caminho do conhecimento. Essa troca quase simbiótica, não implica em convergência de pensamento ou em diminuição de suas particularidades, pelo contrário, o contato com diferentes modos de pensar e outras proposições em arte torna ainda mais rico, suscetível a novas abordagens de um problema antigo, trazendo assim novas possibilidades de resultados.

Por vez Fayga Ostrower, que lecionava na sua casa em Santa Tereza foi professora das artistas Lygia Pape (Nova Friburgo, Rio de Janeiro, 1927 – Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004) e Anna Bella Geiger (Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1933), essa última professora do Parque Lage dando continuidade à metodologia. E assim a troca de conhecimento não encastelado, humanizado, sensível e saudável se dá. Esta exposição é fruto deste tipo de experiência.

Ademar Britto Jr

**Adriana Amaral (Ribeirão Preto, 1963) - vive e trabalha em Ribeirão Preto**

Formada em Zootecnia (1986) pela FAZU-Faculdade de Zootecnia de Uberaba e mestre na mesma área, atua como artista visual desde 2003.

Dentre suas exposições individuais: "O que Você Guarda tão bem Guardado que até se Esquece de que tem?" (Memorial Municipal Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2019) e; "Você é Aquilo que Come" (Sesc-Catanduva, 2014, Sesc-Interlagos, 2013, e Sesc-Ribeirão Preto, 2012). Exposições coletivas: "Até Onde a Vista Alcança" (MARP-Museu de Arte de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, 2022); 28º Salão de Artes Visuais de Vinhedo (Vinhedo, 2022); "Fragmentos do Ser e do Sentir" (Casa Abaeté, Ribeirão Preto, 2022); "Romper a Superfície é Abrir um rio Para Dentro" (Espaço Fonte, São Paulo, 2022) Seus trabalhos integram acervos públicos como do MARP-Museu de Arte de Ribeirão Preto, do MARCO-Museu de Arte Contemporânea de Campo Grande e do MAC Jataí-Museu de Arte Contemporânea de Jataí. Dedicar sua pesquisa sobre os conceitos de memória, corpo, intimidade, feminino e afetos. Seu processo criativo parte do pessoal e discute, através dele, um modo metafórico de sublimar e transformar memória, sentimento, emoção e energia em fluxo de vida.



Adriana Amaral, **O Coração vai bater, O Pulmão vai respirar e A Respiração vai acontecer**, 2019.  
Colagem-recorte de livros e plantas desidratadas sobre papel.  
85 x 60 cm.

“O coração vai bater, o pulmão vai respirar, e a respiração vai acontecer” (2019) é um conjunto de doze colagens, construídas a partir de livros de anatomia de animais domésticos, que são preservadas pela artista desde quando ingressou na graduação de Zootecnia, em 1982. As imagens foram extraídas de livros de anatomia humana, datados de 1925, herdados de seu avô materno: flores, caules e folhas desidratadas pela técnica japonesa *Dshibana*.



Adriana Amaral, **O Coração vai bater, O Pulmão vai respirar e A Respiração vai acontecer**, 2019.

Colagem-recorte de livros e plantas desidratadas sobre papel.  
85 x 60 cm.

**Ana Rey (Córdoba, Argentina) - vive e trabalha em São Paulo.**

Formou-se em Castelhana, Literatura e Latim (1985). Fez parte de programas de residência artística como *Kaaysá Art Residency* (São Sebastião, 2019) e Mango Residência Internacional para artistas-Programa RIO (*online*, Argentina, 2022). Foi premiada no 26º Salão de Artes Plásticas de Praia Grande (2019), no 38º Salão de Arte Contemporânea Luiz Sacilotto (2010) e no 76º Salão de Artes Plásticas Antonio Rodini (2015). Entre algumas exposições individuais estão "Aqui Mesmo Onde me Encontro" (Ateliê Ale, São Paulo, 2022) e também; Mostra individual (Pinacoteca de São Bernardo do Campo, São Bernardo do Campo, 2016); "Estado em Suspensão" (Centro Cultural do Solo Sagrado de Guarapiranga-Fundação Mokiti Okhada, São Paulo, 2015) e; "Obra-Dobra" (ABRA-Academia Brasileira de Arte, São Paulo, 2011). Seus trabalhos fazem parte de coleções públicas como a da Prefeitura de Praia Grande e a da Prefeitura de Santo André.

A artista pensa seu processo de trabalho como um desdobramento do desenho, do qual usa elementos básicos. Em seus trabalhos, realiza uma operação de abstração e simplificação de formas tiradas de um recorte mental elaborado a partir do contexto urbano ou da natureza, também linguístico ou gráfico.

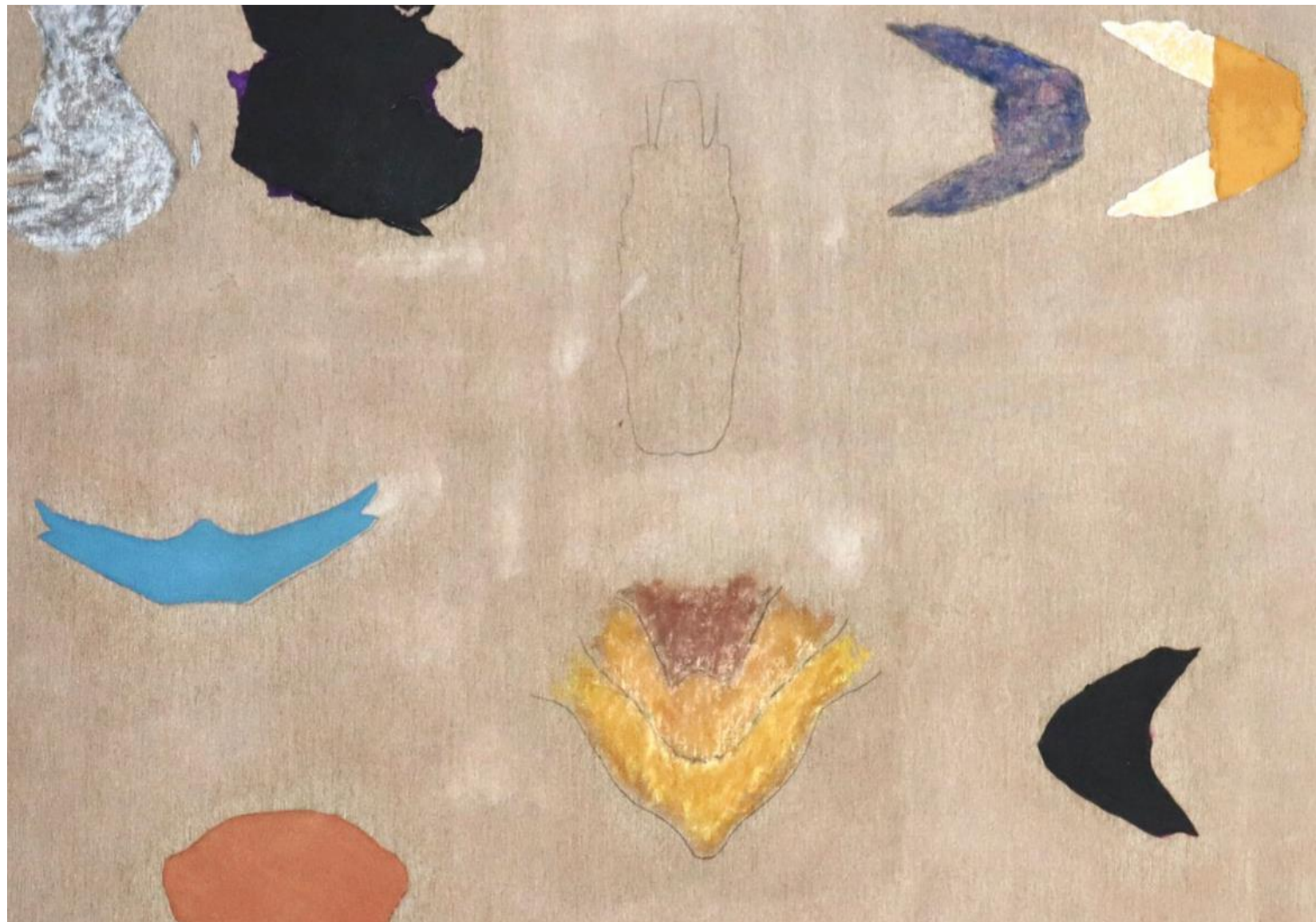


Adriana Amaral, **Sem Título**, 2022  
Da série "Marea Roja".  
Óleo e pastel oleoso sobre linho.  
50 x 40 cm



A serie "Marea Roja" (2022), esses elementos aparecem um tanto velados ou escondidos, abstratos, como peças soltas de um quebra-cabeça que não é encontrado em sua totalidade, nem finge ser um arquivo ou documentação, simplesmente uma maneira sutil de reconhecê-los e pensar sobre sua existência a partir de um detalhe. Observar, desenhar com um gesto, é pensar nesses seres de uma forma metafórica, simbólica, imaginativa, significa dar-lhes tempo e lugar, aguçar nossos sentidos para encontrá-los, para percebê-los.

**Detalhe**, serie "Marea Roja"



Ana Rey, **Sem Título**, 2022  
Da série "Marea Roja".  
Óleo e pastel oleoso sobre linho.  
135 x 118 cm  
R\$7.350,00



**André Felipe Cardoso (Minaçu, 1997) - vive e trabalha em Goiás.**

Participou das residências artísticas *Goyazes Lab* (Goiás, 2022), Residência Fonte (São Paulo, 2022), Estância Central (Rio de Janeiro, 2020) e Hospitalidade/Casa Aberta (Olhos D'Água, 2019). Foi finalista do 12º Prêmio DASartes (2022) e recebeu os prêmios Estímulo Fargo (2022), 24º Prêmio Sesi Arte Criatividade (2019), e do I Salão De Arte Em Pequenos Formatos do MABRI (2019). Entre as principais exposições coletivas que participou estão: 26º Salão Anapolino de Arte (Anápolis, 2022); "Para Onde foi a Espessura da Carne?" (Museu Nacional da República, Brasília, 2022); "*I Like South America South America Likes me*" (Belmacz, Londres, Inglaterra, 2021); "Incubadora" (Galeria Index, Brasília, 2021); "Ressetar" (Museu da Diversidade Sexual, São Paulo, 2020); "À Beira do Tempo" (Galeria Guaguá UFJF- Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019) e; 24º Prêmio Sesi Arte Criatividade (Vila Cultural Cora Coralina, Goiânia, 2019). Suas obras compõem os acervos públicos do Museu da Diversidade Sexual (São Paulo) e do Museu de Artes Plásticas de Anápolis (Anápolis).

Trabalha principalmente com a colagem e seus desdobramentos, entende o papel como superfície propícia para marcação de tempo e acontecimentos no processo de criação das paisagens. Em suas pesquisas mais recentes tem investigado as relações de vínculo com os objetos e lugares, utilizando a apropriação e intervenção em objetos, materiais descartados e imagens como direcionamento para símbolos-dispositivos que invocam reencontros com as memórias individuais e coletivas em um caminho de reconfiguração de símbolos.

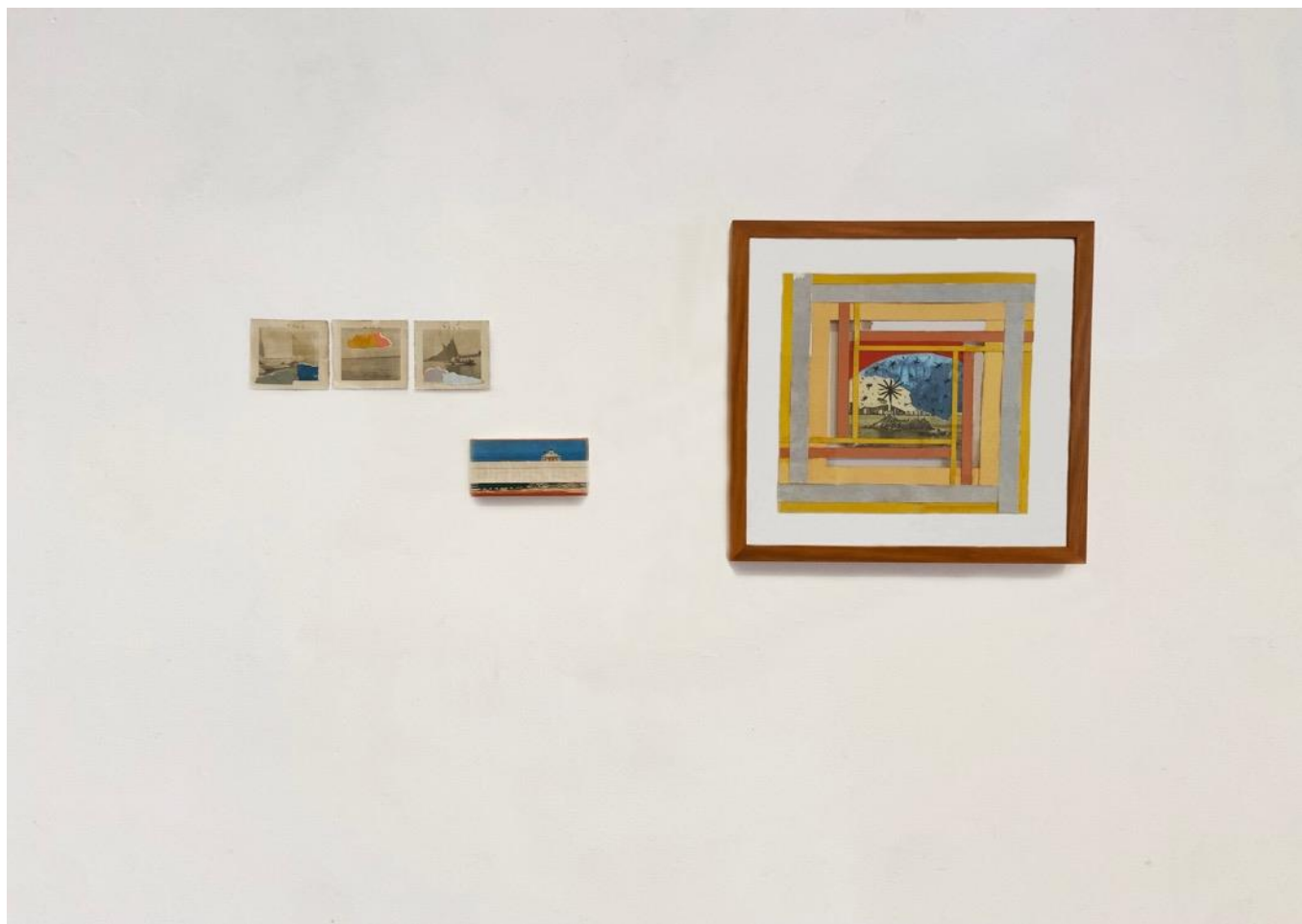


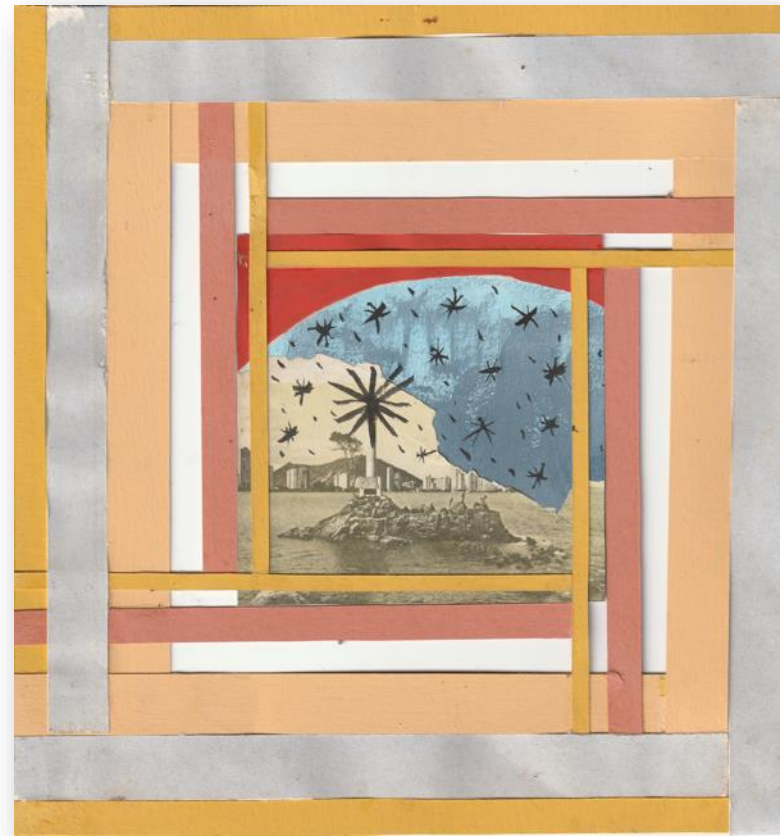
Andre Felipe Cardoso, **Inventar um Coreto**, 2020  
Colagem sobre fotografia analógica.  
6 x 6 cm.



Andre Felipe Cardoso, **Sem título**, 2022  
Colagem sobre caixa de papel.  
5 x 10 x 2 cm.

“Inventar um Coreto” (2020) é um dos trabalhos que o artista desenvolveu durante a residência artística Estância Central (Casa Voa, Rio de Janeiro). Através de uma pequena intervenção feita com uma fita de papel sobre uma caixa de *slides*, reconfigura a imagem encontrada na embalagem. André Felipe Cardoso entende essa ação como uma forma de remodelar os elementos presentes nas imagens prontas e soltas no mundo, através deste trabalho cria um diálogo entre arquétipos e memória afetiva, acionando esses dispositivos por meio de suas intervenções. “Um Lugar Para ver Junto” (2021) nasce das investigações em torno das artesanias populares, pelo saber-fazer ancestral empregado na confecção de cestarias e outros produtos utilitários feitos com fibras vegetais. Neste trabalho, desenvolve o pensamento estético encontrado nas cestarias; tramando papéis diferentes; criando camadas e; desenvolvendo imagem por meio do gesto manual sobre o material usado.





Andre Felipe Cardoso, **Um lugar para ver junto**, 2021  
Colagem, acrílica e nanquim.  
22 x 22 cm.



**Cali Cohen (São Paulo, 1964) - vive e trabalha no Rio de Janeiro.**

Cursou Cenografia na Academia de Bellas Artes de Roma, possui Bacharelado em Turismo e Pós Graduação em Marketing de Serviço ( ESPM – Rio ) e História da Arte e Arquitetura do Brasil ( PUC- Rio). Após uma longa carreira entre MTV Brasil, Direção Criativa, Showbusiness, Hotelaria de Luxo e Jogos Olímpicos redirecionou sua carreira para as artes visuais. Iniciou sua atividade artística com acompanhamento de Fred Carvalho (2020-2022) e atualmente faz parte do Hermes sobre a orientação de Carla Chaim e Nino Gais. Frequentou a Escola de Artes Visuais do Parque Lage ( Orlando Mollica, Chico Cunha, Gianguido Bonfantti e Fernando Cocchiarale) a partir de 2020 participou de diversos cursos e acompanhamentos entre eles “Procedência e Propriedade” Charles Wattson, “Acompanhamento de Pintura” Regina Parra e Rodolfo Parigi e “Pintura-Pratica e Reflexão”, Paulo Pasta.



Cali Cohen, **Plástico**, 2022

Pastel seco, lápis de cor e acrílica sobre papel canson vermelho  
28 x 50 cm.

Cali Cohen, **Yellowstone**, 2022  
Pastel seco, lápis de cor, acrílica, colagem e guache sobre tela.  
150 x 90 cm.



**Cassia Cola (Araçatuba, 1961) - vive e trabalha em Ribeirão Preto.**

Formou-se em Letras pela Faculdade Ibero Americana em São Paulo em 1980. Foi integrante do grupo Arte e reflexão com o artista Paulo Pasta entre os anos de 2018 e 2019. Em 2017, participou dos grupos de pesquisa em artes visuais orientados pela artista plástica Débora Paiva no Instituto Tomie Ohtake e também com o crítico Mario Gioia e com o curador Paulo Galina.

Participou de exposições em galerias e espaços independentes, dentre eles se destacam; a individual: "Expressões - Gestos e Sentimentos" (Espaço Justicarte, Ribeirão Preto, 2018); e as coletivas 4ª Exposição de Arte Contemporânea na Casa da Memória Italiana (Casa da Memória Italiana, Ribeirão Preto, 2022); "Romper a Superfície é Abrir um rio Para Dentro" (Espaço Fonte, São Paulo, 2022); "Para Mudar o Estado das Coisas" (Espaço Fonte, São Paulo, 2021); "Intervento" - 46ª Salão de Arte de Ribeirão Preto (Ribeirão Preto, 2021); "Ao Redor" (MARP-Museu de Arte de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, 2020); *Sección Planta (Chaco Feria de Arte, Santiago, 2020)*; "No dia Primeiro, no Nono Andar" (Galeria Lamb, São Paulo, 2019); Exposição Coletiva de Artes Plásticas (Museu Casa de Portinari, Brodowski, 2018); "Coletivo da Praça" (Feira Parte, São Paulo, 2018).

Cassia Cola trabalha a pintura com tinta acrílica para manifestar em formatos grandes a sua maneira colorida e espontânea que prefere ritmos espontâneos, sem a necessidade de trazer um significado para essas decisões.

Nas obras "Floreira" (2022) e "Folhagem" (2022) a artista traz uma beleza na qual acredita, com cores improvisadas e os elementos e materiais permanecem juntos por um tempo indefinido. Com gestos irracionais e tintas coloridas explora um exercício de controlar os movimentos – algumas vezes macios e tranquilos ou ásperos e valentes – no espaço definido da obra.

Cassia Cola, **Floreira**, 2022  
Acrílica sobre tela.  
160 x 125 cm.





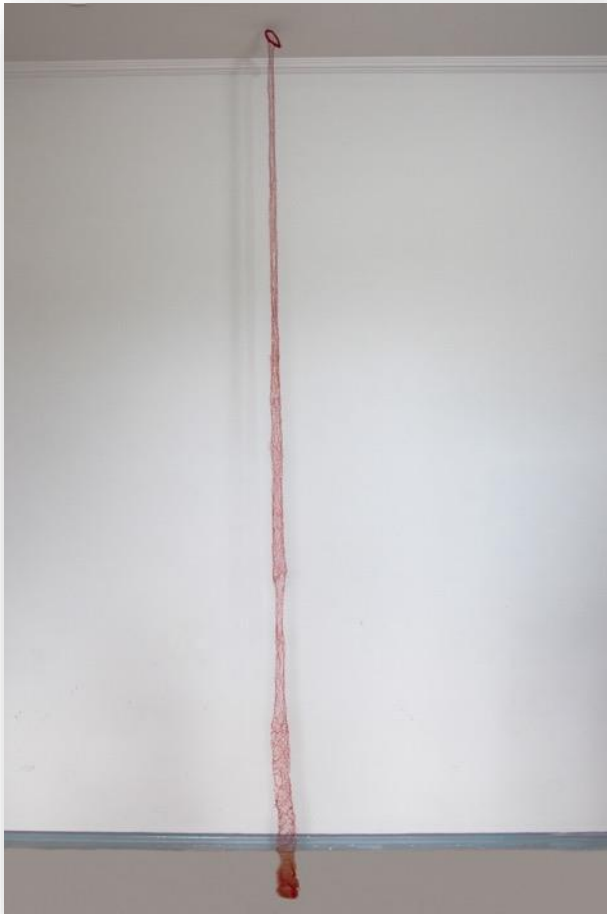
Cassia Cola, **Folhagem**, 2022  
Acrílica sobre tela.  
119 x 160 cm.

**Cristina Lisot (Caxias do Sul, 1973) - vive e trabalha em Caxias do Sul.**

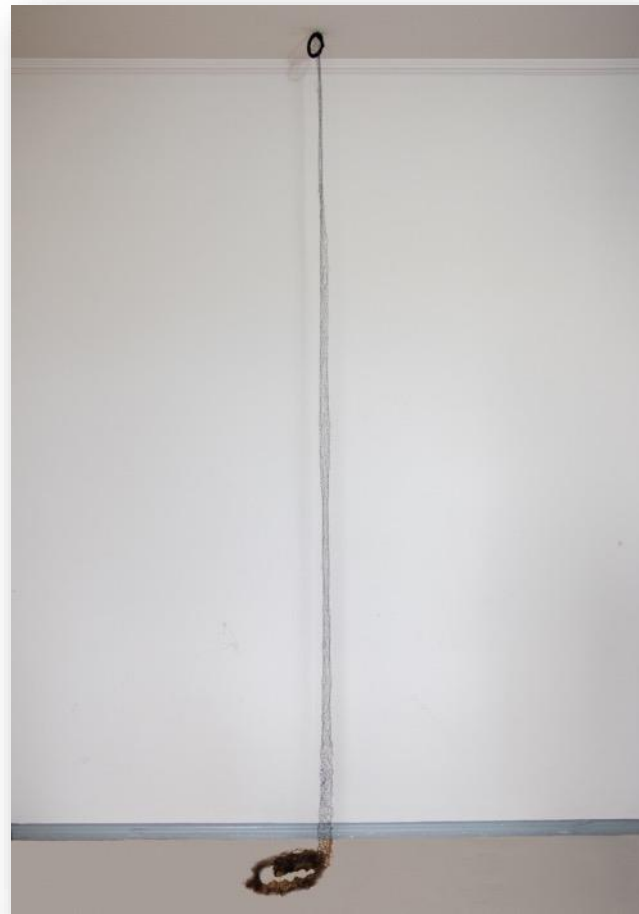
Iniciou carreira na dança contemporânea em 1998, tendo integrado o elenco estável da Cia. Municipal de Dança de Caxias do Sul como bailarina e figurinista de 2006 a 2013. Paralelamente à formação estrita em Bioquímica pela UFRGS-Universidade Federal do Rio Grande do Sul, cursou cadeiras de graduação em Artes Plásticas, Artes Dramáticas e Educação Física, estruturando currículo próprio e híbrido. É mestre pela mesma universidade, pós-graduada em Corpo e Cultura: Ensino e Criação pela UCS-Universidade de Caxias do Sul. Foi residente no ADF-*American Dance Festival*, na *Duke University (Durham, EUA)*, em 2019, dando sequência à investigação sobre corpo e têxteis.

Teve a sua primeira exposição individual intitulada "Tu, costural!" (Galeria de Artes do Centro de Cultura Ordovás, Caxias do Sul, 2022) e; durante os meses de outubro e novembro, curada pela CCMQ e RS Criativo e concomitantemente à 13ª Bienal do Mercosul, ocupou individualmente a Galeria Vitrine, da Casa de Cultura Mario Quintana em Porto Alegre, produzindo, performando e expondo suas criações nas artes e poéticas visuais. Expôs trabalhos na I Bienal de Arte Têxtil (Porto Alegre, 2019), e também no Circuito Fuorisalone - Semana de Design de Milão (Milão, Itália, 2020). O AMARP-Acervo Municipal de Artes Plásticas de Caxias do Sul possui dois trabalhos seus.

Filha de um alfaiate e empresário e de uma professora de artes, desde pequena, distraía-se com os retalhos de tecido e com as plantas que cresciam nos terrenos baldios e nas frestas das calçadas, ato que ainda hoje lhe acompanha e inspira. A inquietação, a curiosidade e o gosto pelas flores, alinhados a uma formação que articula as ciências biológicas e humanas, a definem, borram e movem. Assim, sua trajetória é marcada por essa mistura que imprime os territórios de passagem.



Cristina Lisot, **Ladainha**, 2022  
Serie "Chata"  
Tricô em fio vermelho  
330 x 2,5 cm.



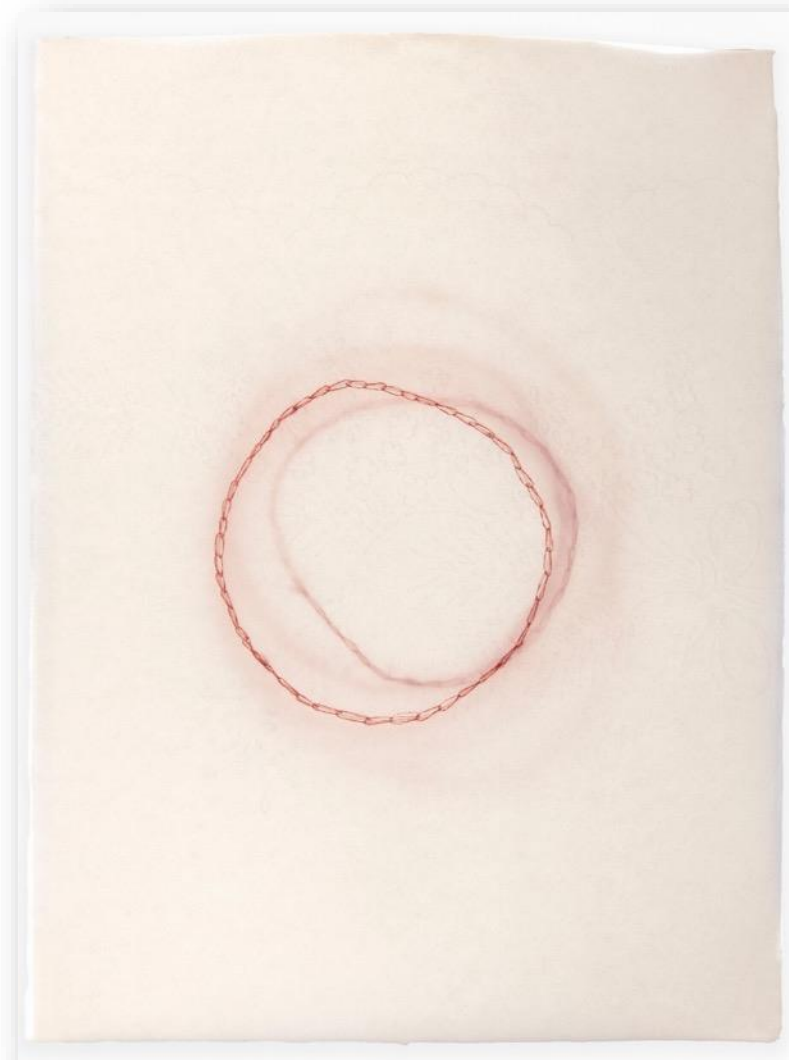
Cristina Lisot, **Falatório**, 2022  
Serie "Chata"  
Tricô em fio dourado.  
500 x 2,5 cm.



Cristina Lisot, **Cantilena**, 2022  
Serie "Chata"  
Tricô em fio dourado.  
248 x 6,0 cm.



Cristina Lisot, **Hemácias**, 2021  
Serie "Bordados"  
Bordado sobre papel manteiga antigo  
33 x 22,5 cm.



“Bordados” é uma série de trabalhos de bordados sobre matrizes de papel manteiga antigas que retratam imagens plásticas vistas num laboratório de análises bioquímicas. É, também, o híbrido da artista com sua mãe e a mistura de áreas que a define. No trabalho “Hemácias” (2021), a artista tem como suporte sete fragmentos de matrizes de bordado, sobrepostas e, sobre elas, aros bordados em ponto corrente com fio metálico vermelho. Vemos os conhecidos glóbulos vermelhos, células sanguíneas anucleadas relacionadas principalmente com o transporte de oxigênio pelo corpo que, em número infinitamente maior do que os leucócitos, quando vistos a fresco no microscópio, sobrepõem-se e movem-se.

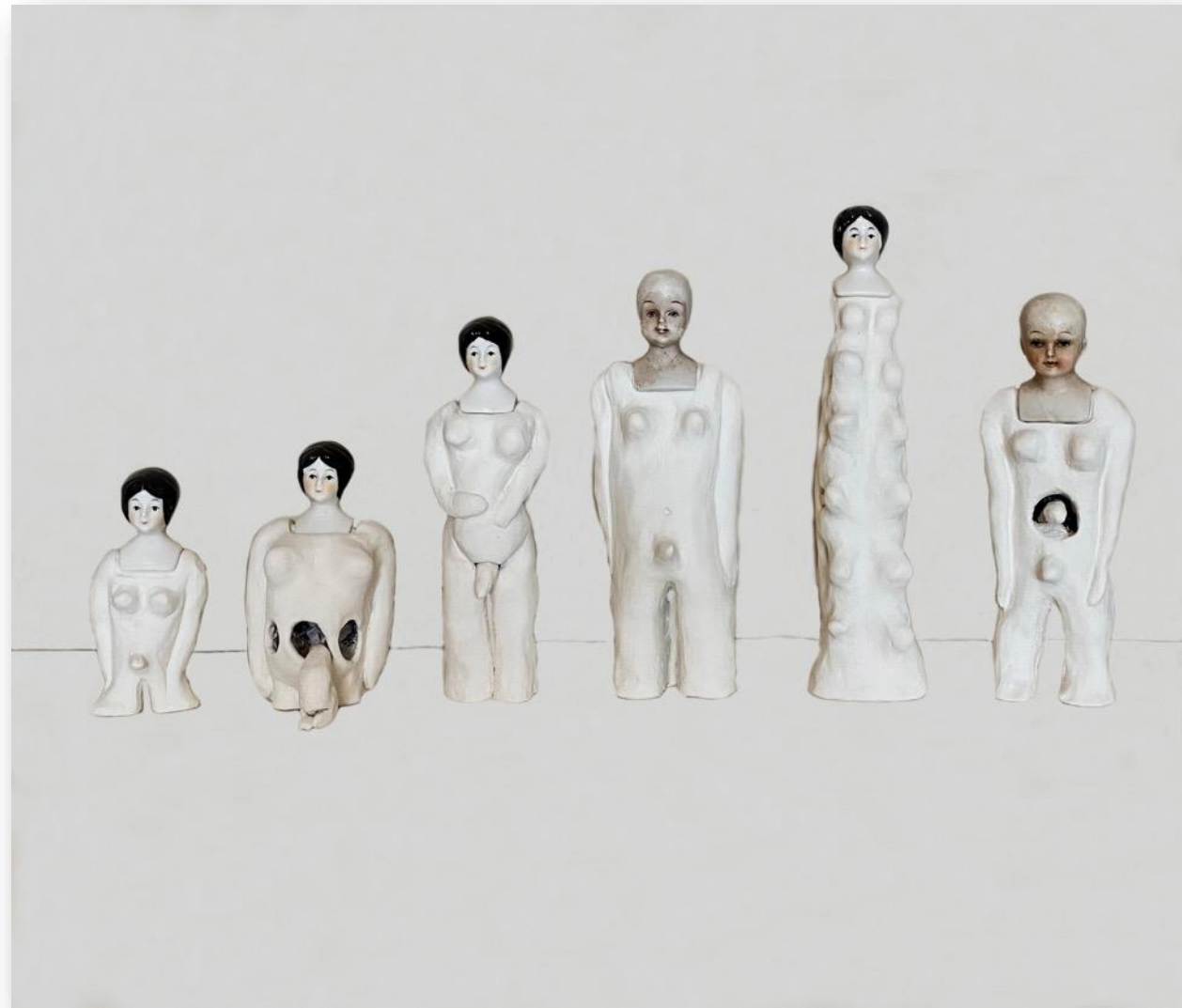


Detalhe, “Hemácias”

**Cynthia Loeb (São Paulo, 1967) - vive e trabalha em São Paulo.**

Formada em Educação Artística (1988) pela FAAP-Fundação Armando Álvares Penteado, São Paulo. Foi agraciada com o Prêmio de 1º lugar no 27º Salão de Artes Plásticas de Praia Grande (2021). Destaque para a exposição individual "Qual a cor do seu véu?" (Galeria f 2.8, São Paulo, 2014) e para as coletivas; "Fragmentos do ser e do Sentir" (Casa Abaeté, Ribeirão Preto, 2022); "Romper a Superfície é Abrir um rio Para Dentro" (Espaço Fonte, São Paulo, 2022); 13º Salão dos Artistas Sem Galeria (Zipper Galeria e Lona Galeria, São Paulo, 2022); "Para mudar o Estado das Coisas" (Espaço Fonte, São Paulo, 2021); "Tudo de Novo Vira Começo" (Edifício Vera, São Paulo, 2021); 27º Salão de Artes Plásticas de Praia Grande (Praia Grande, 2021); Arte Londrina 8 (UEL-Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020); 16º Salão Ubatuba de Artes Visuais (Ubatuba, 2019) e; "No dia Primeiro, no Nono Andar" (*Lamb Gallery*, São Paulo, 2019).

A arte de Cynthia Loeb é marcada pela busca constante pela verdade interior e autorrepresentação. Ela utiliza diversas linguagens artísticas para expressar sua jornada íntima e criar ligações entre o mundo objetivo e subjetivo. Suas esculturas em argila e madeira simbolizam essa busca, assim como suas aquarelas, que servem como forma de se reconhecer e expressar sua existência enquanto ser humano.



Cristina Loeb, **Éramos Seis**, 2023  
Cabeças em porcelana antiga e corpos em porcelana  
20 peças, várias medidas  
13 x 5 x 3 cm ; 13 x 7 x 5 cm ; 20 x 5 x 3 cm ; 25 x 5 x 5 cm ; 21 x 7 x 5 cm.

O trabalho "Éramos seis" (2023) foi feito usando cabeças de bonecas que a artista adquiriu em uma feira de Antiquário em Paris em 2022. Desmontando as cabeças dos respectivos corpos fez novos corpos em porcelana para cada uma das cabeças como uma forma de reunir a sua família; que eram seis pessoas e hoje são em quatro.

Detalhe, "Éramos seis"



Cristina Loeb, **Sem Título**, 2023  
Serie Mitológicas  
Aquarela sobre papel  
75 x 57 cm.





Cristina Loeb, **Sem Título**, 2023  
Serie Mitológicas  
Aquarela sobre papel  
57 x 75 cm.

**Danilo Chamas (São Paulo) - vive e trabalha em São Paulo.**

Formou-se em artes plásticas pela Universidade Belas Artes de São Paulo no ano de 2017.

Desde 2011, vem participando de diversas exposições e feiras de arte, sendo alguns destaques recentes: 1ª EAI-Exposição de Artistas Independentes (PONDER70, Ourinhos, 2019); "ORTO" (Galeria Montmartre, Teresina, 2019); Exposição de Arte Alternativa (Casa de Cultura de Teresina, Teresina, 2019) e; 3ª EAI-Exposição de Artista Independentes (PONDER70, Ourinhos, 2022).

A sua proposta artística é o abandono do controle dos resultados e explorar a aleatoriedade de seus gestos/movimentos e das misturas de técnicas e linguagens, como pintura, desenho e colagens. O imprevisto, assim, provoca e testa o espectador.





Danilo Chamas, **Linhas 5**, 2022  
Carvão, lápis 8b e 2b sobre papel Montval  
53 x 43 cm.  
R\$1.400,00 cada



Daniilo Chamas, **Escultura Colada**, 2022  
Pastel seco e colagem sobre papel Hahnemuhle  
30 x 62,5 cm.  
R\$1.400,00 cada

**Flavia Renault (Rio de Janeiro, 1971) - vive e trabalha em São Paulo.**

Graduou-se em Artes Plásticas pela FAAP-Fundação Armando Álvares Penteado (2001). Em 2022, fez sua individual, "Territórios" (Atelier 284, São Paulo 2022). A exposição de fotos do seu "Projeto Contornos" (1996-1997) aconteceu no mezanino do Centro Cultural Fiesp (São Paulo) e também na Casa Brasil (Santarém, Portugal). Participou também da exposição coletiva "Ar: Acervo Rotativo" (Oficina Cultural Oswald de Andrade, São Paulo, 2021).

Suas pesquisas trata do limiar e encontro da vida /morte e renascimento; desenhos de anatomia se misturam com morfologia de plantas e órgãos, formações geológicas, enfim, metamorfoses, transformações. Restos de papéis, documentos são recortados milimetricamente à mão tornando-se estalactites, mapas, nuvens e paisagens. Bordados tornam-se cicatrizes, limites, bordas; objetos construídos de sobras, de gavetas vazias /velhas, de refugio encontrado nas caçambas, o abandonado/descartado ganha novos contornos, possibilidades e territórios. Além disso, estuda profundamente a história do Brasil, tendo percorrido 58.000km pelas fronteiras deste enorme país continente numa expedição e publicado dois livros a respeito desse percurso, num projeto conhecido como Contornos (1996-1997).



Flavia Renault, **Cânon**, 2022  
Madeira, livro antigo, ferragens e couro.  
60 x 300 cm.

A obra "Cânones" (2022) nasceu de uma memória de infância em Belo Horizonte na casa da avó da artista este contexto elaborou, em homenagem aos seus tios, oito livros. Este trabalho discute a origem, desde a memória à matéria, afinal um livro um dia foi árvore. Cada página de livro contém assim, em si, a semente, o sol, a chuva, o papiro, outros livros até de certa forma, mesmo podendo ter sido e tendo sido tantas coisas, tornar-se um único livro

Detalhe "Cânones"





Flavia Renault. **Cânonos**, 2022  
Madeira, livro antigo, ferragens e couro.  
60 x 300 cm.

Flavia Renault, **Livro Gaveta**, 2022  
Madeira, livro antigo, ferragens e couro.  
14 x 17 x 3 cm.



**Ilka Lemos (Araçatuba, 1957) - vive e trabalha em São Paulo.**

Frequentou a Faculdade de Artes Plásticas de Penápolis, de 1974 a 1975 e fez cursos livres com Antonio Hélio Cabral, Rodrigo Naves, Agnaldo Farias, Sérgio Fingermann e Hugo Houayek. Vive em São Paulo desde 1997.

Entre suas exposições individuais estão: "Passagens" (RUA13, São Paulo, 2021); "Panorama" (RUA13, São Paulo, 2021); "Metrópole" (Museu do Café da Fazenda Lageado, Botucatu 2011); Individual Ilka Lemos (*Galería Del Mar*, Mar del Plata, 2010); "Lilith" (Galeria Garcia Arte, São Paulo, 2008) Exposições coletivas, como: "Painel coletivo" (*ZIV Gallery*, São Paulo, 2021); "Poéticas Concretas Soteropaulistanas" (Museu da Misericórdia, Salvador, 2019); *The Latin American Art Exhibition* (*Agora Gallery*, Nova Iorque, 2010).

A base das suas investigações encontra-se na mitologia da figura da Lilith como a primeira mulher na história ocidental que não se sujeitou; aquela que disse o primeiro não. Com a proximidade da narrativa mística e em busca de uma metafísica e espiritualidade, a artista questiona as narrativas escritas, em procura da força de liberdade presente desde os tempos originários.



Ilka Lemos, **Nao sao brincos**, 2022

Barbante e etiqueta plástica de orelha de identificação de gado.

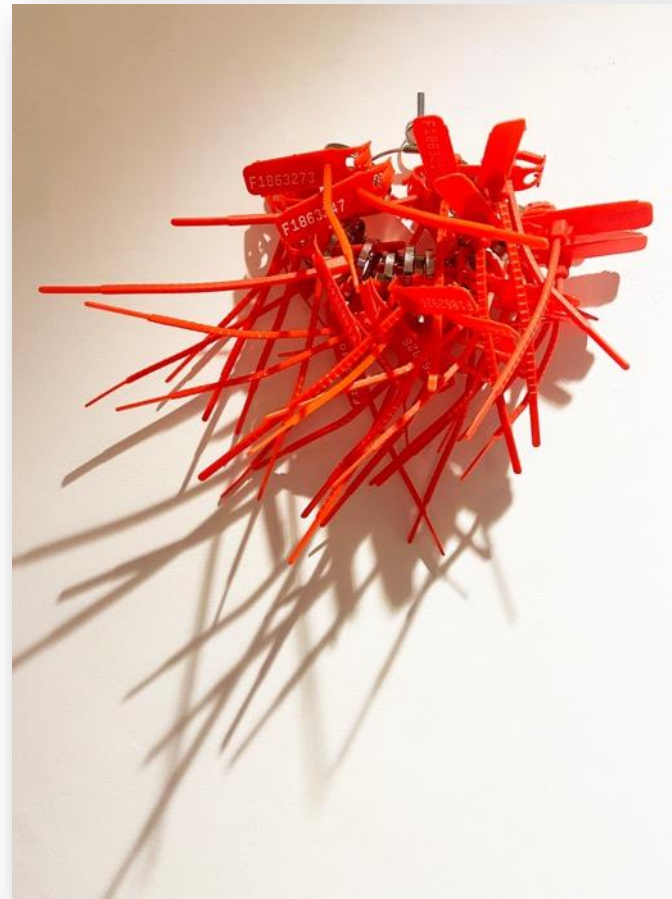
160 x 130 x 12 cm - Tríptico



“Viejas” (2022-23) é um mergulho na ancestralidade de Ilka Lemos. O trabalho resgata a energia de uma linhagem constituída por fortes mulheres de quatro diferentes gerações. Os minuciosos e detalhados traços de Ilka retratam a realidade brutal da velhice e escancaram a conseqüente finitude da vida. Etiquetas de orelha de identificação de gado amarradas em pontos de crochê. É a partir dessa materialidade que o trabalho Não são brincos (2022) discute a necessidade constante de catalogação de pessoas, animais, objetos e de tantas outras coisas que existem e que são criadas.

Detalhe “Viejas”





Ilka Lemos , **Cinto de Castidade**, 2022  
Ferro e plástico.  
22 x 20 x 15 cm.



Ilka Lemos , **Série “Viejas”, 2022**

Grafite, giz pastel oleoso, giz pastel seco e carvão sobre papel canson..

66 x 50 com.

**Jota Testi (Barreiras, 1999) - vive e trabalha em Brasília.**

Estuda arquitetura e urbanismo na UnB-Universidade de Brasília. Além de ter cursado três períodos no curso de artes visuais na mesma instituição. Viveu 19 anos de sua vida no interior da Bahia, onde nasceu.

Teve sua *exposição individual virtual "Bordando Afetos"* (Sesc-Bahia, *online*, 2021) na página do *YouTube* do Sesc-Bahia. Participou das exposições coletivas "Visões da Vida Mundo Vértices" (Galeria da Biblioteca Central da UnB-Universidade de Brasília, Brasília, 2019); Festival Mostra sua Arte (Belém, 2020); "Narrativas Visuais" (Sesc-Bahia, Salvador, 2021) com curadoria de Divino Sobral e; "Romper a Superfície é Abrir um rio Para Dentro" (Espaço Fonte, São Paulo, 2022).

Suas principais atuações nas artes visuais são na fotografia, vídeo, performance e arte têxtil. Seus trabalhos circulam entre a fotografia, ilustração, pintura, bordado e vídeo. Uma parte de seus trabalhos circundam a pesquisa com o corpo, suas marcas e histórias, a individualidade de cada um, tentando sempre salientar sobre a humanização dessas pessoas, pensando nelas como seres reais, com marcas reais e corpos políticos. Até para entender também sobre o meu corpo, um corpo neutro, político, e onde ele se coloca, ou não, dentro da sociedade.



Jota Testi, **Sem Título**, 2022  
Série Doce Amargo  
Foto sobre camiseta de algodão  
100 x 52 cm.

Os dois trabalhos "Doce Amargo" (2022), apresentados na exposição, têm embasamento teórico no livro "O casaco de Marx" de Peter Stallybrass em que o autor desenvolve um pensamento sobre memória e dor no âmbito da morte e discute a ideia de como é lidado a questão das vestimentas de pessoas que já faleceram em relação às famílias delas. Esse pensamento se envolve num sentido de que a roupa incorpora o ser que a usa, recebe seu suor, seu cheiro e sua forma, numa aceção física, dessa forma, produzindo suas memórias, trazendo suas marcas e manchas de uso. Ao tecido também como memória, como construir uma colcha de retalhos e despejar nela todas as lembranças, amores, ausências ou um corpo ausente.

Detalhe "Doce Amargo"





Jota Testi, **Sem Título**, 2022  
Série Doce Amargo  
Costura e foto sobre algodão  
40 x 39 cm.



**Luana Lins (São Paulo) - vive e trabalha em São Paulo.**

Graduada em 2005 em Artes Plásticas pela FAAP-Fundação Armando Álvares Penteado.

Participou de salões de arte contemporânea como o de Ribeirão Preto (2022), Londrina (2019), Ubatuba (2019), Vinhedo (2016) e São José do Rio Preto (2013 e 2014), e exposições coletivas como: "Estamos aqui" (Sesc Pinheiros, São Paulo, 2022); "Tudo de Novo Vira Começo" (Espaço Fonte, São Paulo, 2022); "Breves Narrativas de Sonho" (Casa da Luz, São Paulo, 2020); "No Primeiro dia, no Nono Andar" (*Lamb's Arts*, São Paulo, 2019); "O Lugar do Outro Lugar" (Espaço Elefante Cultural, Brasília, 2017); "Linhas de Confronto" (Casa de Cultura de Paraty, Paraty, 2015); "É Fluido mas é Legível" (Oficina Cultural Oswald de Andrade, São Paulo, 2014) e; "Alvos Móveis" (Galeria Contempo, São Paulo, 2013).

Em seu trabalho utiliza linguagens diversas, como vídeo, fotografia, pintura, colagem e instalação para discutir de estereótipos à violências de gênero e suas reverberações no contexto sócio-cultural atual. Ao transpor objetos, frases e capas extraídas de livros, trechos de vídeos e filmes para o campo da arte, levanta questões sobre valores culturais históricos e sua evolução ao longo do tempo.

Luana Lins, **Sem Título**, 2022  
Serie " Casa Comigo"  
Papel de parede, cimento, tijolo, pedras e miçangas  
20 x 10 x 4,5 cm.



Luana Lins, **Sem Título**, 2022

Serie " Casa Comigo"

Papel de parede, cimento, tijolo, pedras e miçangas

66 x 9 x 4,5 cm.

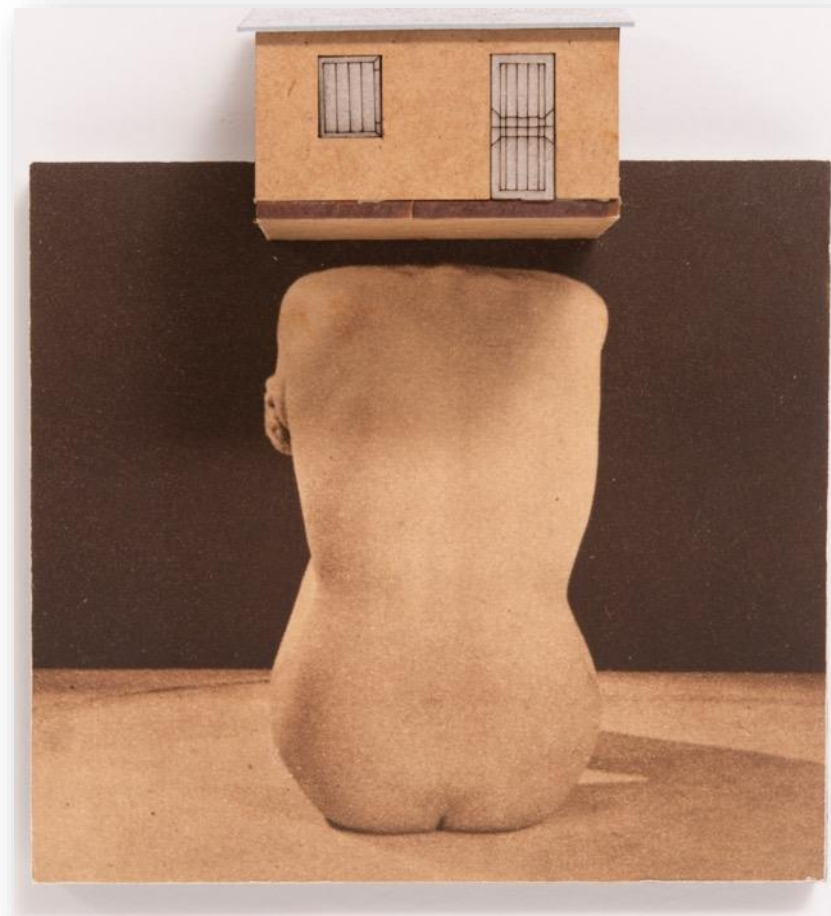




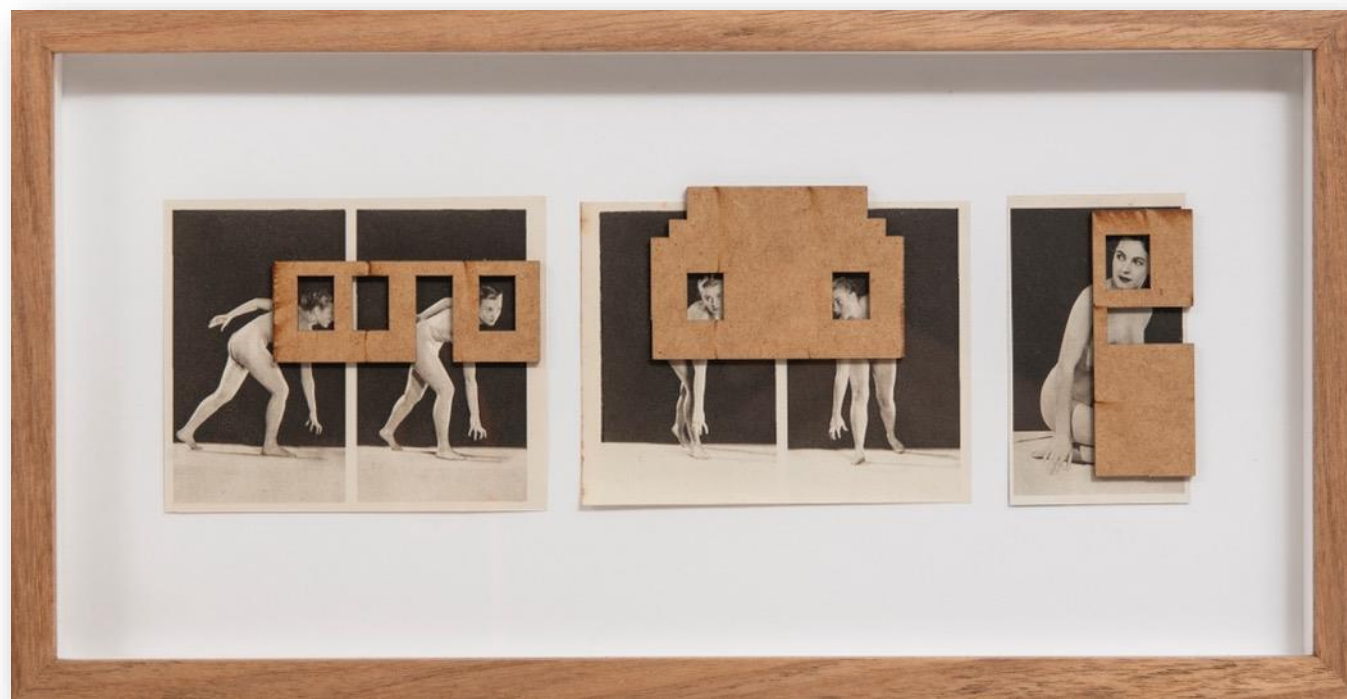
Luana Lins, **Sem Título**, 2022  
Serie " Casa Comigo"  
Compensado e páginas de livro  
14 x 25 cm.

A série "Casa Comigo" foi iniciada no início da pandemia de Covid-19. Os núcleos familiares se fecharam em si, e o que vimos foi uma grande sobrecarga dos cuidados domésticos e com as crianças para as mulheres, maior do que já existia. O excesso de tempo e cuidado da mulher na esfera doméstica está diretamente ligada à sua exclusão da esfera pública, não à toa esse período foi marcado por uma taxa muito maior de desemprego entre as mulheres do que entre os homens. No mercado de trabalho, as posições de maior autoridade, prestígio e salário estão diretamente associadas ao tempo em que a mulher desprende no trabalho não-remunerado, em casa. É esse trabalho feminino, na esfera doméstica, que permite que o homem seja liberado para atender as exigências profissionais e construir uma carreira. Diante desse cenário, a artista elaborou trabalhos em que ora essa mulher carrega a casa no corpo ou na cabeça, ora seu corpo e casa se fundem. A casa na cabeça representa tanto a carga mental quanto o apagamento dessas mulheres que propiciam o sucesso do outro.





Luana Lins, **Sem Título**, 2022  
Serie " Casa Comigo"  
Fotografia antiga, pagina de livro e maquete  
15 x 12 cm.



Luana Lins, **Sem Título**, 2022

Serie " Casa Comigo"

Fotografia antiga, compensados e pagina de livro

15 x 12 cm.

**Lucia Simonsen (São Paulo) - vive e trabalha em São Paulo.**

Graduada em Letras pela PUC-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, formada em Terapia Artística pela Terarte e no Programa Biografia e Caminho Iniciático pela Associação Sagres, também possui pós-graduação em Artes Manuais para Educação pela Faconnect. Atua como artista, terapeuta Artística Antroposófica e aconselhadora biográfica.

Dentre as exposições das quais participou estão Décimo Segundo Encontro Internacional de Aquarelistas (Paraty, 2021); "Plantão" (Ateliê 397, São Paulo, 2021) e CompartiarTE 7ª Edição (Centro Brasileiro Britânico, São Paulo, 2022).

Em sua pesquisa atual utiliza imagens do próprio casamento impressas em tecidos variados. A mesma imagem impressa em tecidos tão distintos, como seda, *plush*, malha, lonita, entre outros, traz qualidades diferentes, como sutileza, delicadeza, materialidade... Nos trabalhos em exposição foram feitas intervenções nos tecidos com tinta acrílica, com o intuito de destacar ou esconder aspectos diferentes em cada imagem. Outras narrativas se tornam possíveis quando a formalidade da cerimônia ganha uma camada de tinta. A intervenção ressalta símbolos como o cravo do noivo, o véu da noiva, personagens e abre espaço para o novo. Esse momento de alegria e celebração em que duas pessoas se unem publicamente para criar uma nova história torna-se também um "jogo da memória" de vinte peças sem duplo.





CETIM



MALHA PEACH



MANTA SOFT

Lucia Simonsen, **Jogo de Memória**, 2023  
Tinta de tecido e acrílica sobre pacas de tecidos variados  
30 x 30 cm.

Em sua pesquisa atual utiliza imagens do próprio casamento impressas em tecidos variados. A mesma imagem impressa em tecidos tão distintos, como seda, *plush*, malha, lonita, entre outros, traz qualidades diferentes, como sutileza, delicadeza, materialidade... Nos trabalhos em exposição foram feitas intervenções nos tecidos com tinta acrílica, com o intuito de destacar ou esconder aspectos diferentes em cada imagem. Outras narrativas se tornam possíveis quando a formalidade da cerimônia ganha uma camada de tinta. A intervenção ressalta símbolos como o cravo do noivo, o véu da noiva, personagens e abre espaço para o novo. Esse momento de alegria e celebração em que duas pessoas se unem publicamente para criar uma nova história torna-se também um “jogo da memória” de vinte peças sem duplo.

Detalhe “Jogo da Memória”





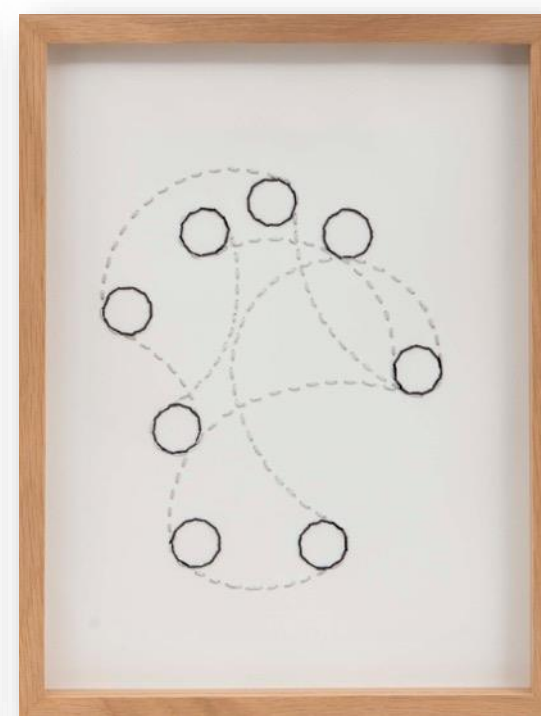
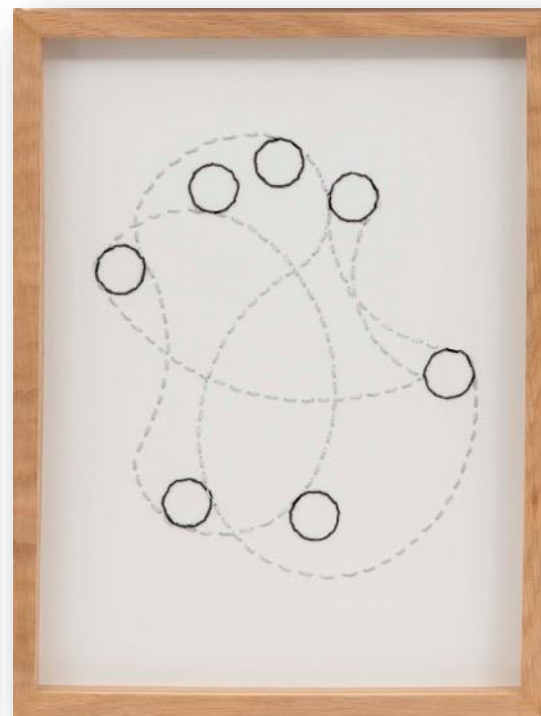
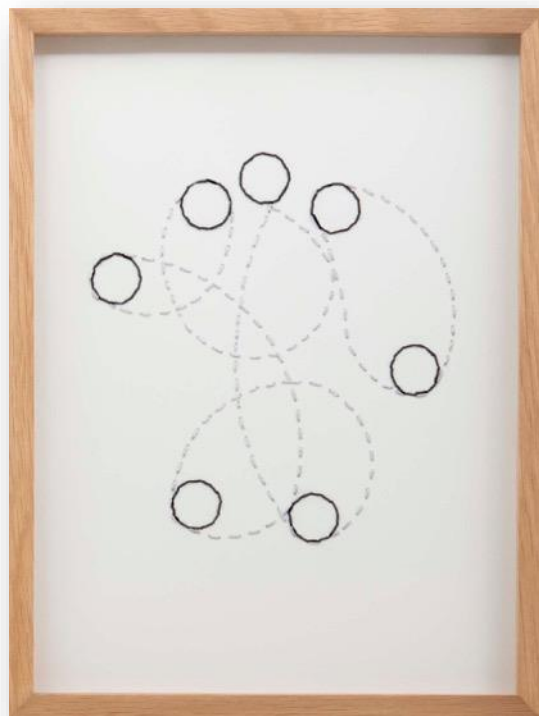
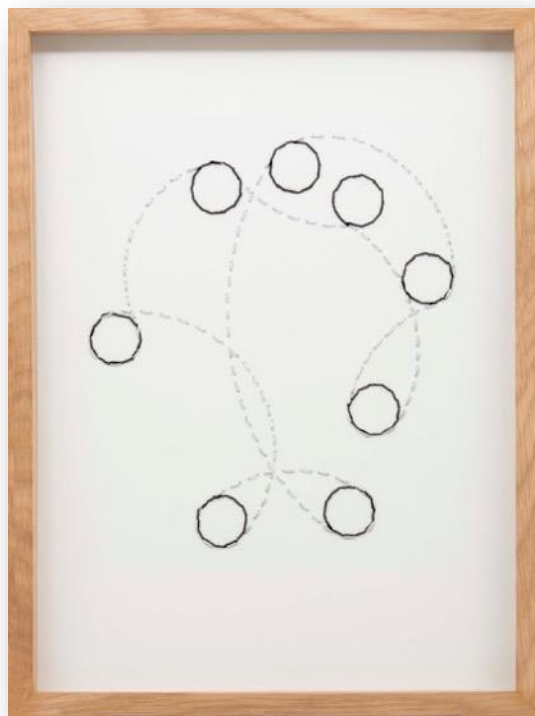
Lucia Simonsen, **Jogo de Memória**, 2023  
Tinta de tecido e acrílica sobre pacas de tecidos variados  
30 x 30 cm.

**Luiza L. Lavorato (Belém, 1986) - vive e trabalha em São Paulo.**

Possui bacharelado em economia pelo Ibmecc (2009), MBA pela Fordham University em Nova Iorque (2015) e Mestrado em Fotografia Digital pela School of Visual Arts, também em Nova Iorque (2019), momento no qual recebeu Bolsa de Tese da instituição. Foi premiada como 3º lugar na categoria Fine Art no prêmio One Eyeland (2020), 2º lugar na 2ª Exposição Anual de Arte "Mind Body Spirit" na Galeria J. Mane (2019), vencedora em Processo Alternativo na 14ª Exposição Julia Margaret Cameron (2019), e também nomeada em quatro categorias (Nude, Aérea, Fine Art e Abstrato) no 13th Annual International Color Awards (2020).

Dentre as exposições coletivas das quais participou se destacam: "Romper a Superfície é Abrir um rio Para Dentro" (Espaço Fonte, São Paulo, 2022); "Eu era ao Longe" (New Gallery, São Paulo, 2022); CompartiArte 7ª edição (Centro Brasileiro Britânico, São Paulo, 2022); SP-Arte Viewing room (Galeria Caribé, São Paulo, 2021); Alternative Process Show (Soho Photo Gallery, Nova Iorque, EUA, 2021); "In Celebration of Trees" (Photo Place Gallery, Vermont, 2021); 14ª Exposição Julia Margaret Cameron (Galeria FotoNostrum, Barcelona, Espanha, 2020); Red Dot Miami / Miami Art Basel (Miami, 2019) e; Texas Contemporary (Emmanuelle G Contemporary Art & Himmeljord Art, Houston, EUA, 2019).

A artista direciona seu olhar para as curvas e movimentos, as imagens que produz tematizam a continuidade, seja de uma ação, das linhas formadas pelos corpos, ou das abstrações que a natureza é capaz de produzir. Os rastros de elementos efêmeros são registrados através da fotografia digital ou pela criação de imagens sem câmera que tentam reter o volátil e o fugaz. A artista também explora a formação das imagens usando as técnicas de lúmen e quimigrama, que lidam com a imprevisibilidade dos materiais e ambientes.



Luiza Lavorato, **Entre os dedos**, 2022  
Bordado em papel de aquarela  
29 x 21 x 5 cm cada - Políptico

“Entre os Dedos” (2022) é um trabalho cheio de simbolismos, no qual a artista busca com o desenho de pontos de estabilidade das suas mãos entrelaçar caminhos que seguem diferentes direções, mas eventualmente acabam no mesmo lugar. Como a natureza que constantemente se divide para se multiplicar, este trabalho transmite abundância ilimitada. A estabilidade do círculo em seu movimento de totalidade garante que nada se perca no caminho, que o começo encontre o fim na busca constante de um se expandir

Detalhe, “Entre os dedos”



**Malu Tigre (Rio de Janeiro, 1980) - vive e trabalha em São Paulo**

Formada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Santa Úrsula, no Rio de Janeiro, começa sua formação livre em artes visuais em 2016, frequentando ateliês de artistas e fazendo parte de grupos de estudo e orientação de projetos em instituições como; Instituto Tomie Ohtake; Ateliê Alê; Gare Cultural; Instituto Adelina e; Arte Contemporânea Virgula.

Desenvolve um trabalho autoral de colagem a partir da seleção de revistas de moda descartadas para reciclagem. Motivada pela ideia de resgatar um material efêmero, cria composições onde gesto, cor, textura e profundidade são explorados. Procura esconder o assunto principal das imagens impressas (os modelos fotográficos) e valorizar o que antes ficava em segundo plano. Faz uso das superfícies de cores como bisnagas de tinta, onde cada fragmento de papel atua como uma pincelada. Atualmente explora o binômio corpo-paisagem, entendidos como territórios sujeitos à passagem do tempo. Ambos são vulneráveis e facilmente modificados, estando em constante movimento.

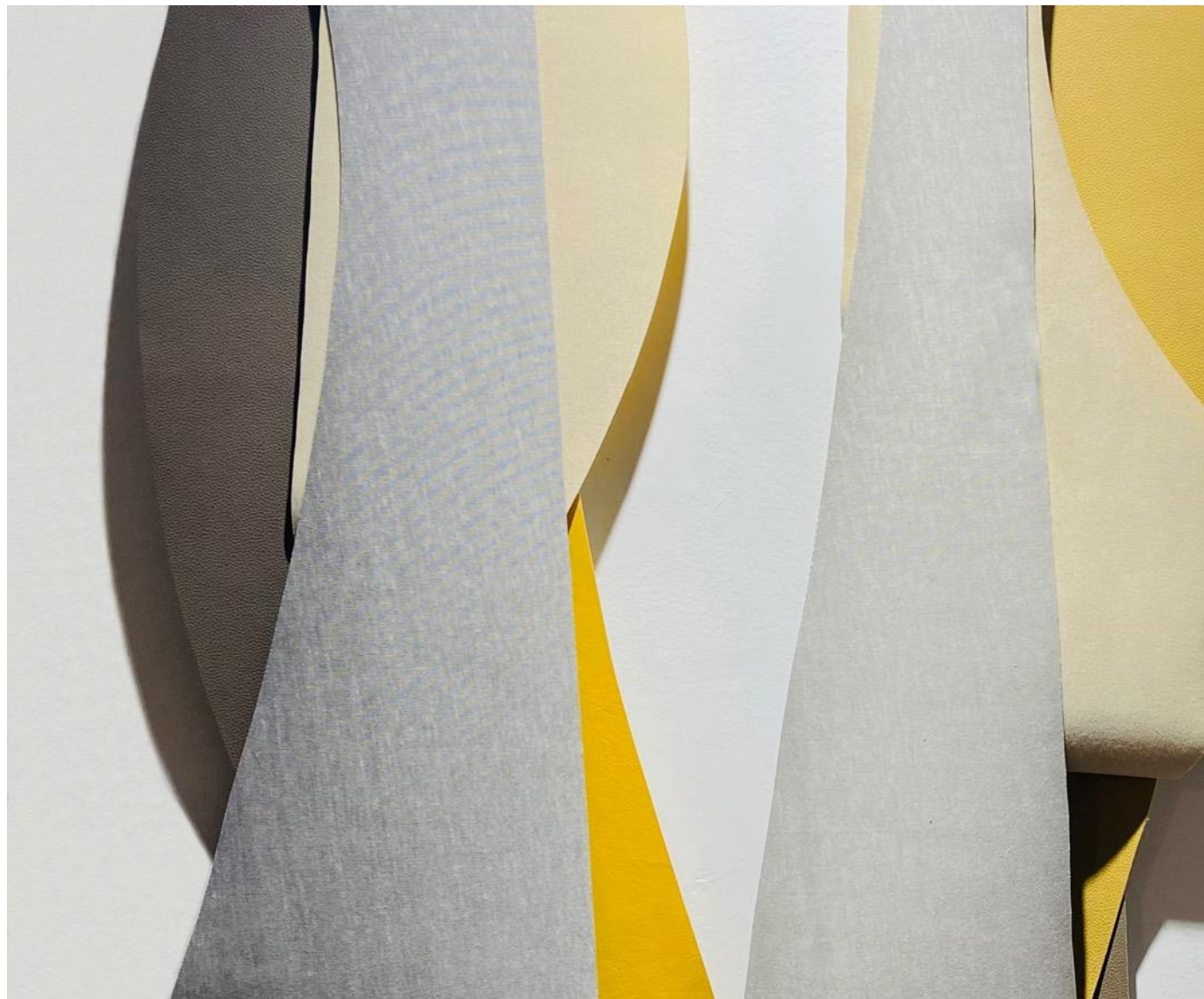


Malu Tigre, **Sem Título**, 2022  
Série "Entrecortados"  
Courvin e ripa de madeira  
80 x 100 cm.



A série "Entrecortados" (2022), também em exposição, nasce de uma vontade de ampliar o trabalho. Para tanto, Malu Tigre elege o tecido como material dada sua plasticidade e ampla gama de cores. O corte do tecido é feito a partir do movimento dos corpos, resultando em fragmentos orgânicos, que uma vez dobrados e pendurados, remetem a moldes de roupas.

Detalhe, série "Entrecortados"





Malu Tigre, **Sem Título**, 2022  
Série "Neblinas"  
Colagem em papel impresso  
60 x 42 cm - Díptico

**Marinalva Rosa (Imbé de Minas, 1965) - vive e trabalha em São Paulo.**

Bióloga, a partir de 2006 inicia cursos livres em artes. Fez acompanhamento de projetos com os professores Eurico Lópes (2014-2016), Paulo Whitaker (2014-2016) e Marco Giannotti (2017-2018). Foi agraciada com a segunda colocação no Prêmio Aquisição da Prefeitura de Praia Grande (2016) e Menção Honrosa no 76º Salão Arareense de Artes Plásticas Antônio Rodini (2015). Participou da Residência artística *Kaaysá Art Residency* (São Sebastião, 2019).

Suas principais exposições individuais foram: "Biomorfias" (Fundação Mokiti Okada, Rio de Janeiro, 2016); "Águas" (Salão de Exposições do Paço Municipal de Santo André, Santo André, 2016) e; "Papéis Diversos" (Galeria do Centro Cultural Vértice, São Paulo, 2016). Dentre as exposições coletivas das quais participou, destacam-se: "Romper a Superfície é Abrir um rio Para Dentro" (Espaço Fonte, São Paulo, 2022); "Se Todas as Rosas Desaparecessem" (*New Gallery*, São Paulo, 2021); "Anatomia de uma Convivência" (Galeria Rabieh, São Paulo, 2019); 2º Festival de Pintura da Unesp-Universidade Estadual Paulista (IA-Instituto de Artes da Unesp, São Paulo, 2019) e "Entre o Micro e o Macro é a Distância que Habito" (Galeria Na Fresta, São Paulo, 2018). Tem obras em acervo da Prefeitura Municipal de Praia Grande e Fundação Mokiti Okada.



Marinalva Rosa, **Sem Título**, 2022  
Sobreposição de recorte de tecidos e bordados  
43 x 48 cm.

Nas obras da exposição "O Que Ancora" a costura surge como continuidade destes modos de pintura e colagem, onde as cores das linhas e tecidos funcionam como processo de pintura, e as linhas como um desenho. A escolha das composições, e o modo como a artista as constrói, passam sempre pela escolha de fragmentos de diversos assuntos como tema, como se esses fossem referências simbólicas destes temas. Estes fragmentos, muitas vezes surgem a partir de uma observação quase investigativa de coisas, uma escavação de cenas e objetos, no qual qualquer cor pode se decompor em muitas, e se juntar a outras, estabelecendo uma nova ordem, um "novo lugar". E este novo lugar busca sempre a alegria, o lúdico e muitas cores.



Marinalva Rosa, **Sem Título**, 2022  
Sobreposição de recorte de tecidos e bordados  
31 x 128 cm - Políptico



**Michelle Rosset (São Paulo, 1973) - vive e trabalha em São Paulo.**

Formada em Ciências Econômicas pela Faculdade Mackenzie (1994) e em Artes Visuais pela Escola Panamericana de Arte (2016), participou de cursos complementares com Shannon Botelho, Fabio Faisal, Charles Watson, Rodrigo Naves, Agnaldo Farias, Rafael Vogt Maia Rosa e Carlos Fajardo. Foi premiada no Salão da Praia Grande (2019), na Bienal da Arte do Sesc (Brasília, 2018) e no Salão de Ubatuba (2018). Atualmente Michelle é representada pelas Galeria Belizário em São Paulo e Anita Schwartz no Rio de Janeiro.

Realizou exposições individuais como: "Vestígios" (Galeria Contempo, São Paulo, 2017) e; "A Extensão do Hiato (Galeria Belizário, São Paulo, 2022). Dentre suas exposições coletivas destacam-se: Art Rio (Galeria Anita Schwartz, 2022); "Romper a Superfície é Abrir um rio Para Dentro" (Espaço Fonte, São Paulo, 2022); "Saravá – projeto GAS" (Galeria Anita Schwartz, Rio de Janeiro, 2022); "Para Mudar o Estado das Coisas" (Espaço Fonte, São Paulo, 2021); "Experiências do Tempo" (O ateliê, São Paulo, 2021); "AB murals worldwide" (Holanda, 2021), "Mostra Museu" (São Paulo, 2021); 16ª Salão de Arte de Guarulhos (Garulhos, 2020); *Sección Planta* (*Ch.aco Feria de Arte*, Santiago, 2020) entre outras.

Com uma pesquisa que investiga as formas de comunicação, a produção da artista tem uma narrativa com relação entre as cores, o papel e o gesto. A artista estuda através da desfiguração do texto, as formas de comunicação, já que o pensamento é manifestado através de palavras. Esses trabalhos são apresentados em forma de colagem, esculturas e pintura sobre papel. Os novos grafismos construídos por Michelle reatam uma nova forma de falar e se comunicar com o outro.



Michelle Rosset, **Sem título**, 2022  
Serie "Espaços"  
Colagem sobre papel  
42 x 23 cm cada – políptico



Os trabalhos "Sem Título" (2022) da série "Espaços" discutem como o papel pode ser usado, em algum momento, somente como suporte. Mas em outro, ele se revela como complemento para a colagem. A fusão da colagem com o suporte do papel alcança uma força maior através do processo do fazer. As sequências nas quais elas são colocadas criam um ritmo e uma nova forma de visualização, as possibilidades em que elas são colocadas no papel em diferentes ângulos e distâncias tem como objetivo manter esse pensamento na busca de novas formas.



**Miriam Bratfisch Santiago (Sorocaba, 1956) - vive e trabalha em São Paulo.**

Pós graduada em Práticas Artísticas Contemporâneas (FAAP-Fundação Armando Álvares Penteado, 2018), teve formação livre frequentando ateliês de artistas e grupos de estudo, como no Instituto Tomie Ohtake. Obteve os prêmios Bolsa de Estudos na 48ª Anual da FAAP (2016) e Prêmio Aquisição no 23º Salão de Arte da Praia Grande (2016), entre outros.

Expôs em galerias e espaços públicos, sendo as mais recentes individuais; "Repensar o Fato Como se Estivesse Nele" (Centro de Artes UFF-Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017) e; "Rew<>Fwd" - Projeto Qualcasa (Qualcasa, São Paulo, 2016). E as coletivas; "Dança de Encontros" (Espaço Vera, São Paulo, 2022); Programa de Exposições do MARP-Museu de Arte de Ribeirão Preto (MARP-Museu de Arte de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, 2022); "Romper a Superfície é Abrir um rio Para Dentro" (Espaço Fonte, São Paulo, 2022); "Tudo de Novo vira Começo" (Espaço Vera, São Paulo, 2021); "Se Todas as Rosas Desaparecessem" (*New Gallery*, São Paulo, 2021); Salão Nacional de Arte sobre Papel (2020) e; "No Primeiro Dia, No Nono Andar" (*Lamb Arts*, São Paulo, 2019). Tem trabalhos nos acervos da Secretaria de Cultura de São Bernardo do Campo, da UFF-Universidade Federal Fluminense e da Secretaria de Cultura de Praia Grande.

Utilizando-se de fotografias descartadas, a artista propõe uma nova existência a essas imagens abandonadas.



Miriam Bratfisch Santiago, **Travessias**, 2022  
Transfer de imagens fotográficas, pedras  
portuguesas e aço cortem  
15 x 115 x 5 cm.

“Travessias” (2022) traz imagens diversas que captam movimento e leveza de maneira oposta à fixidez e ao peso do suporte, que remete à ação do tempo e ao material dos navios. Travessias fala de busca constante, desejo, diversidade de propósitos e meios, de potência de ação.



Detalhe, Travessias



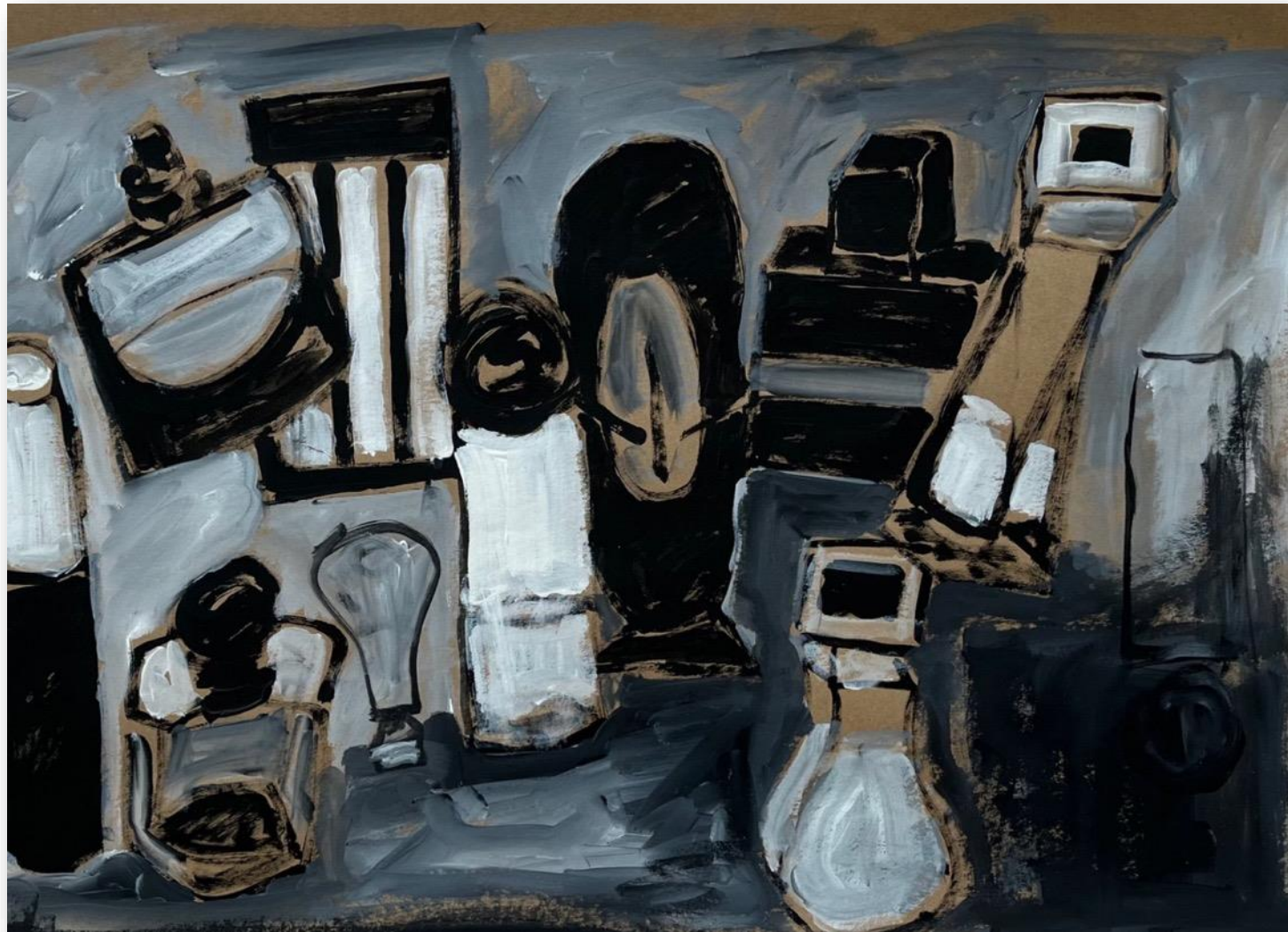
Miriam Bratfisch Santiago, **Linhas de longitude**, 2022  
Fotografias, folha de ouro, multifilamento e pedras de rio  
200 x 36 x 20 cm

### **Rosana Pagura (São Paulo, 1950) - vive e trabalha em São Paulo.**

Formada em Bacharelado em Artes pela FAAP-Fundação Armando Álvares Penteado (1974), especializou-se na *Kunst Fachhochschule* (Hannover, Alemanha, 1980). Faz viagens e participa de cursos de aprimoramentos em arte, entre nomes como Charles Watson, Jailton Moreira, Rodrigo Naves, Rodrigo Bivar, Paulo Gallina, Eurico Fernandes, Paulo Whitaker. Em 1996 iniciou acompanhamento com o artista Paulo Pasta, participou do Grupo Pigmento com orientação de Marcelo Salles entre os anos de 2014 e 2019. Em 2020 participa dos programas "Casa Tato" e "Reflexão e Processos" - com Nancy Betts e Marcio Harum - além de atender a curso e palestras com Sergio Fingerhmann e ao grupo de estudos com Germana Monte-Mór - estes últimos via plataformas *online*. Em 2022 integrou-se ao grupo "Dito Coletivo" com Rejane Cintrão e ao grupo de estudos com Paulo Gallina. Fez parte também de *Workshop* com Paulo Whitaker e tem orientação individual com Eurico Fernandes.

Em 2018 teve a exposição individual "Morada" (Casa Contemporânea, São Paulo, 2018). Participou também de Salões, exposições coletivas desde 1996, com destaque para: "Pinturas em Tempos Sombrios" (*online*, Instituto Tomie Ohtake, 2021); "Tardes de Terça" (CHCM-Centro Histórico e Cultural Mackenzie, São Paulo, 2019); "A Biblioteca que eu vi" (Biblioteca Mário de Andrade, São Paulo, 2018); "Interurbana (Entre Santos e Campinas)" (Casa Contemporânea, São Paulo, 2017); "Pigmento" (MACC-Museu Arte Contemporânea de Campinas, Campinas, 2016) e; "Todos na Sala de Estar" (Casa Contemporânea, São Paulo, 2015). Foi referência especial no 32º Salão de Arte Contemporânea de Piracicaba (2000), menção honrosa e 1º lugar no III Salão Clube Paineiras do Morumbi (1998) e 3º lugar no II Salão Clube Paineiras Do Morumbi.

Rosana tem em sua produção pictórica a figuração ora realista, ora no limite da desconstrução, explora cenas do cotidiano; o lugar; o objeto, onde capta momentos, olhares, memória, registros acumulados que, através de pesquisas e práticas no universo da pintura e do desenho, vão aprimorar seu universo plástico; assim como desenvolver sua poética pessoal.



Rosana Pagura, **Sem Título**, 2022  
Série "Perfumes"  
Acrílica sobre papel kraft 300g  
64 x 96 cm.

## SAMBA ARTE CONTEMPORÂNEA

A série "Perfumes" surgiu da vivência e da intimidade da artista com esses objetos. A partir de 2017, explora na pintura ou desenho as múltiplas possibilidades que as formas dos frascos oferecem, tirando-os de sua visualidade comum, buscando colocá-los em momentos e arranjos diferentes. Com o tratamento escuro, com cores, seja na aquarela, óleo ou acrílica, também em materiais diferentes como tela, papel ou o *kraft*, busca elaborar imagens com um poder de mistério, estranhamento e reencantamento.







Rosana Pagura, **Sem Título**, 2022  
Série "Perfumes"  
Acrílica sobre papel kraft 300g.  
64 x 96 cm.

**Simone Dutra (Rio de Janeiro, 1971) - vive e trabalha em São Paulo.**

Possui bacharelado e mestrado pela *Central Saint Martins College of Art and Design* (Londres, Inglaterra, 2002 e 2014), mas iniciou suas atividades artísticas com tutoria de Leda Catunda e Sergio Romagnolo, ainda em 1995. Recebeu o primeiro prêmio no 25º Salão de Artes Plásticas de Praia Grande (2019). Recentemente inaugurou o Projeto Maloca-Escola e Floresta junto com os índios *Huni Kuins* no Acre, retornando a São Paulo em 2019. Atualmente integra a Oficina de textos com Shannon Botelho.

Simone teve a individual; "*Serene Mistrust*" (625 Gallery, São Francisco, 2018). Participou de exposições coletivas como por exemplo; 7º Salão de Artes em Portugal (Nazaré, Portugal, 2022); 15ª Semana de Fotografia (Caxias do Sul, 2022); "Romper a Superfície é Abrir um rio pra Dentro" (Espaço Fonte, São Paulo, 2022); "Para Mudar o Estado das Coisas" (Espaço Fonte, São Paulo, 2021); *Spring Show* (*Academy of Arts University*, São Francisco, 2018-2017).

A fotografia é o pano de fundo da sua produção e através da imagética minimalista explora o silêncio, as memórias e as formas. Esses elementos podem aparecer em conjunto ou de forma totalmente isolada. Simone aprofunda sua pesquisa através da construção e dissolução de elementos internos e externos à fotografia, criando diversas possibilidades compositivas.



Simone Dutra, **Ocean Beach**, 2020  
Série "Impermanente"  
Acrílica e pigmento mineral sobre papel washi  
29 x 24 cm cada - Políptico

O trabalho "Ocean Beach" (2020), pertence à série "Impermanente" e é um políptico de seis fotografias analógicas impressas em papel washi com posterior aplicação de tinta acrílica. Usando a fotografia como base do trabalho, investiga a memória, o silêncio e as formas. O trabalho questiona como através da adição de detalhes, que não necessariamente convergem, nossas memórias vão se compondo e formam o quadro final. Até que comecem a se desvanecer sobrando apenas alguns desses detalhes.



**Simone Fontana Reis (São Paulo, 1965) - vive e trabalha em São Paulo.**

Possui bacharelado e mestrado pela *Central Saint Martins College of Art and Design* (Londres, Inglaterra, 2002 e 2014), mas iniciou suas atividades artísticas com tutoria de Leda Catunda e Sergio Romagnolo, ainda em 1995. Recebeu o primeiro prêmio no 25º Salão de Artes Plásticas de Praia Grande (2019). Recentemente inaugurou o Projeto Maloca-Escola e Floresta junto com os índios *Huni Kuins* no Acre.

Participou de diversas exposições em São Paulo, Nova Iorque e também na Suécia, dentre as quais destacam-se: "*Foreign Bodies*" (Londres, Inglaterra, 2001), com colaboração de cientistas da *London School of Tropical Medicine*, onde recebeu o primeiro prêmio da exposição; "*The Seeds Dance*" - *British Cultural Festival* (Centro Cultural Britânico, São Paulo, 2004) onde também recebeu o primeiro prêmio; "*HOT ONE HUNDRED*" (*Schwartz Gallery*, Londres, Inglaterra, 2013); "*New Sensation*" (*Saatchi Art*, Londres, Inglaterra, 2014); "Nem tudo que reluz é ouro" (Paiol da Cultura, Manaus, 2017) e; "Pele D'Água" (Galeria Qualcasa, São Paulo, 2017). Participou também dos salões Paranaense, de Ribeirão Preto, Vinhedo, Londrina e duas vezes do Salão de Santo André. Fez parte ainda da exposição coletiva "Novos Viajantes" (MUBE-Museu da Ecologia e Escultura, São Paulo, 2018).

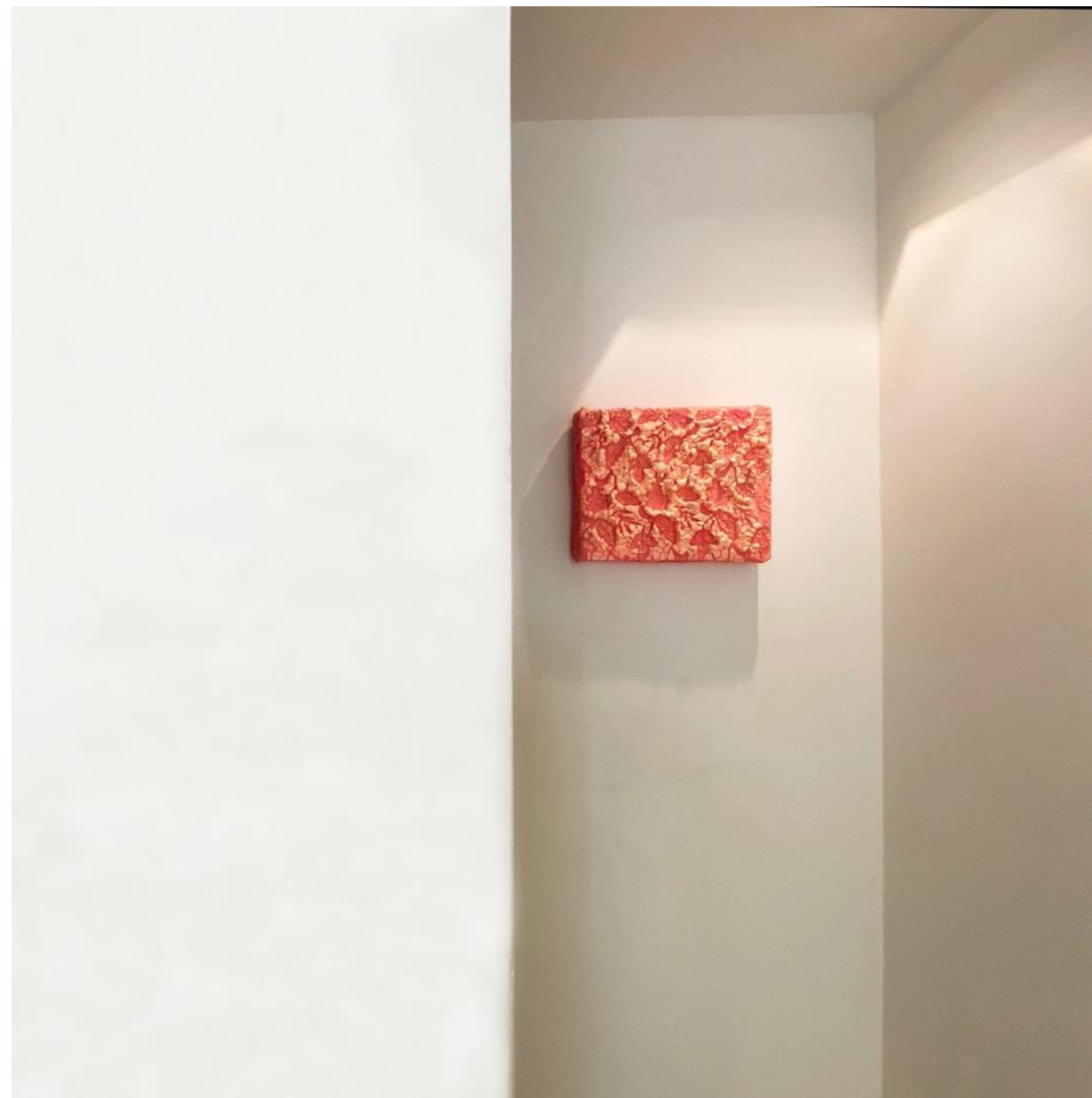
Seus trabalhos exploram fronteiras entre pintura, escultura, instalação e vídeo. Sua pesquisa resgata elementos da história ameríndia, com foco no feminino, e enfatiza a maneira como estas culturas mantinham relações com a natureza. Ao longo de duas décadas pesquisou orquídeas e florestas. A partir desta investigação visitou três vezes a aldeia *Kadiweu* no Brasil Central, onde confrontou a teoria e a prática da pintura corporal com grafismos praticados exclusivamente por mulheres.



Simone Reis, **Joia 2**, 2022  
Renda e óleo sobre tela.  
23 x 27 cm.

## SAMBA ARTE CONTEMPORÂNEA

A série "Jóia" nasceu do momento no qual a artista tomou conhecimento da morte da jovem Mahsa Amini pela polícia iraniana – por não querer cobrir seus cabelos com o véu. Na pintura "Jóia 2" (2022) a artista cobre a matéria rica e densa da tinta óleo com uma renda muito usada por mulheres muçulmanas na confecção de suas roupas. Simone Reis pensa, a partir deste trabalho, nas funções que o tecido exerce no mundo mulçumano e na riqueza inimaginável de mundos e força feminina que existem por baixo dos tecidos e rendas. Mas, por mais que se tente pressionar esta força criativa potente, ela sempre vai escapar pelas fendas, pelos buracos dos tecidos, como visto no trabalho.





Simone Reis, **Museu da Floresta cultural**, 2021

Acrílica e óleo sobre tela.

184 x 184 cm

R\$20.000,00



**Suely Bogochvol (São Paulo, 1961) - vive e trabalha em São Paulo.**

Formada em Psicologia pela USP-Universidade de São Paulo em 1984, começou sua formação como artista visual em 2015 no curso de Colagem no Instituto Tomie Ohtake. Entre 2017 e 2021 teve orientação da professora e artista Renata Cruz.

Desde 2018 expõe seus trabalhos, tendo participado recentemente das coletivas: "Antropia Nacional" (Galeria Plexi, São Paulo, Casa Cor, Ribeirão Preto, 2022); "Arquétipo" (A Galeria, Ubatuba, 2022); "Arte de Viajar" (Casa Odisséia, São Paulo, 2022); "Menção Honrosa - Imperfeita" (284 Gallery, Lisboa, Portugal, 2022); "De 22 a 22" (Pinacoteca Benedito Calixto, Santos, 2022) e; "World Collage Day" (Galeria Plexi, São Paulo, 2022).

Tem na colagem manual a técnica central de sua pesquisa e de seu trabalho artístico. O papel é a base de seu diálogo com o tempo e com as imagens e palavras coletadas como fragmentos simbólicos do cotidiano. Através do encontro de mundos que a colagem propicia, procura reconstruir palavras e narrativas com poesia e leveza.

O trabalho "Outras Palavras" (2020) foi desenvolvida durante a pandemia da Covid-19. É composta por cartões postais com palavras inventadas/recriadas e carimbadas no verso em diálogo com o destinatário. Nesta série a artista busca, através do carimbo, da colagem e do bordado, revelar sentidos ocultos e desconhecidos em palavras comuns de nossa linguagem e de nossa comunicação.

Detalhe, "Outras Palavras"





Suely Bogochvol, **Outras palavras**, 2022  
Carimbo sobre cartão postal e suporte de  
ferro pintado de preto  
16,5 x 12 cm. cada

**Susy Miranda Aziz (São Paulo, 1958) - vive e trabalha em São Paulo**

Possui bacharelado em Letras, com Habilitações de Tradutor e Intérprete pela Faculdade Ibero-Americana de Letras e Ciências Humanas (São Paulo) e iniciou suas atividades artísticas com acompanhamento de Carla Chaim e Nino Cais em 2011.

Em 2019 fez a exposição individual "Eloquência no Vazio" (Palas Athena, São Paulo). Participou também de exposições coletivas como: "Romper a Superfície é Abrir um rio Para Dentro" (Espaço Fonte, São Paulo, 2022); "Para Mudar o Estado das Coisas" (Espaço Fonte, São Paulo, 2021); *Sección Planta (Chaco Feria de Arte*, Santiago, 2020); VIII Salão de Artes Plásticas de São José do Rio Preto (São José do Rio Preto, 2016); "Contraprova Vol.01" (Paço das Artes, São Paulo, 2015); "*Perspectives - Art, Liver, Disease and me*" (São Paulo, 2014); IIº "Abre alas" (A Gentil Carioca Rio de Janeiro, 2014); VII Salão De Artes Plásticas de São José do Rio Preto (São José do Rio Preto, 2013); 12º Salão de Artes Visuais de Guarulhos (Guarulhos, 2013); "Hermes na Central" (Central Galeria, São Paulo, 2013); 21º Salão de Artes Plásticas de Praia Grande (Praia Grande, 2013); VI Salão de Artes Plásticas de São José do Rio Preto (São José do Rio Preto, 2013) e; 10º Salão de Arte Contemporânea de Marília (Marília, 2013).

Susy Miranda Aziz permeia a colagem, a pintura, a assemblagem e a escultura com influência da arte e cultura oriental. Artista autodidata, iniciou seu trabalho com pintura em porcelana e desenho. Seu trabalho surge através da coesão das múltiplas linguagens, numa conexão de materiais que reflete seu principal estudo, a miscigenação do tempo.



Suzy Miranda Aziz, **Sem título**, 2021  
Colagem, aquarela, lápis de cor,  
aguada e grafite sobre papel  
378 x 152 cm.

Em "Sem Título" (2022) a artista cria uma colagem em grande escala que conecta relatos escritos dos sonhos de seu pai a imagens pintadas, desenhadas, encontradas e construídas por ela, tendo como resultado um quebra-cabeça de multiplicidade estética, cultural e temporal.



Detalhe, Travessias



Suzy Miranda Aziz, **Sem título, 2022**  
Cacos de porcelana apropriados e modelados.  
17 x 25,5 x 24 cm  
R\$12.000,00

**Yohana Dizumi (Rubiataba, 1989) - vive e trabalha em São Paulo.**

Graduada em Artes Visuais pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo (2019). Foi eleita uma das jovens artistas do ano de 2021 pela *ArtConnect Magazine*. Participou do *Vincent Van Gogh Photo Award* (2021). Foi colaboradora na obra de Tales Frey "Dos Gestos que Sobrevivem em nós" (2020), exposta na individual do artista na Galeria Ocupa, em Portugal, em 2020.

Em 2022 participou da XXII Bienal Internacional de Arte em Cerveira (Cerveira, Portugal, 2022) e do 50º Salão de Arte Contemporânea Luiz Sacilotto (Santo André, 2022). Participou também de exposições coletivas como "O Encontro é um Lugar Impossível" (Centro Cultural Correios, São Paulo, 2022); "Romper a Superfície é Abrir um rio Para Dentro" (Espaço Fonte, São Paulo, 2022); "Tudo de Novo Vira Começo" (Edifício Vera, São Paulo, 2021); Exposição Casa Tato 3 (Casa Contemporânea, São Paulo, 2021); Color 2021 (GICA-Gzong Institute for Contemporary Art, Seoul, Coreia do Sul, 2021); Festival Internacional de Videoarte de Camaguey (Camaguey, Cuba, 2021); 2ª Edição Festival Burburinho Literário (*Goethe Institut*, São Paulo, 2019) e; *Šiluva Art Biennial: Touched Land* (Šiluva, Lituânia, 2021).

A artista prioriza em seus estudos a vivência e a observação da transformação de materialidades e de si mesma. Através da performance, desenho, fotografia e escultura ela propõe provocações de possíveis leituras críticas a respeito de projeções sensoriais do desconstruir, reconstruir, lutar e ritualizar.





Yohana Oizumi, **Dois Mil Porcos**, 2022  
Instalação  
Cerâmica pintada de dourado  
30 x 40 cm  
R\$ 800,00 cada

“Dois mil porcos” (2022) apresenta esculturas de cerâmica em que as marcas do ato de esmagar estão evidentes na massa e aludem uma ossada. O dourado evoca o sagrado e o título a uma passagem bíblica que trata sobre como expulsar demônios.

O trabalho “Gemidos Inexprimíveis” (2020-2022) apresenta a artista em um embate com argila seca, roupas íntimas, papéis amassados e um molde de gesso do próprio corpo. As escolhas dos materiais trabalhos e as cores se referem à castidade, pureza e os mecanismos de proteção e aprisionamentos.





Yohana Oizumi, **Gemidos Inexprimíveis**, 2020/2022  
Vídeo 12 minutos

SAMBA ARTE CONTEMPORÂNEA

SAMBA ARTE CONTEMPORANEA | RIO DE JANEIRO, BRASIL  
ESTRADA DA GÁVEA, 899 SEGUNDO PISO | SAO CONRADO | 22 610 010  
INFO@SAMBAARTECONTEMPORANEA.COM